



**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

Filipa Catarina Pereira da Silva

**O Papel e a Importância da Imagem  
no Ensino da Filosofia**

outubro de 2017



**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

Filipa Catarina Pereira da Silva

## **O Papel e a Importância da Imagem no Ensino da Filosofia**

Relatório de Estágio  
Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário

Trabalho realizado sob a orientação do  
**Doutor Artur Manso**

## DECLARAÇÃO

**Nome:** Filipa Catarina Pereira da Silva

**Endereço eletrónico:** [filkata@hotmail.com](mailto:filkata@hotmail.com)

**Telefone:** 910541749

**Número do Cartão de Cidadão:** 11787922 3ZZ2

**Título do Relatório:**

O Papel e a Importância da Imagem no Ensino da Filosofia

**Orientador:** Doutor Artur Manso

**Ano de conclusão:** 2017

**Designação do Mestrado:**

Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário

**É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTE RELATÓRIO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.**

Universidade do Minho, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

## **Agradecimentos**

De um modo geral, queria agradecer a todas as pessoas e instituições que estiveram envolvidas no meu Estágio Pedagógico.

À Universidade do Minho e a todos os professores envolvidos no meu percurso académico. À Escola Secundária Martins Sarmiento pela receptividade demonstrada.

Agradeço ao Professor Carlos Felix que me acompanhou durante o estágio, bem como à minha Supervisora de estágio Doutora Custódia Martins por todo o apoio e acompanhamento prestado.

Agradeço igualmente ao Doutor Artur Manso pela orientação e dedicação prestadas na elaboração deste Relatório de Estágio.

Aos meus alunos da turma do 10º ano de Artes Visuais, pela experiência que me proporcionaram como professora estagiária.

Por fim, a todos os meus colegas de mestrado que me acompanharam durante todo o meu percurso.

## **Resumo em Português**

O presente trabalho intitulado “O Papel e Importância da Imagem no Ensino da Filosofia”, constitui o Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário, que decorreu no ano letivo de 2012/2013, na Escola Secundária Martins Sarmiento, em Guimarães, numa turma de 10º ano pertencente ao curso de Artes Visuais.

A questão que nos propusemos investigar foi se o uso da imagem constitui um recurso didático importante e útil na lecionação de temas, conteúdos e conceitos filosóficos nas aulas de Filosofia. Incidimos principalmente, na sua utilização na lecionação da Dimensão Estética.

Neste relatório, expusemos as orientações teóricas que serviram de base ao nosso projeto, bem como a sua aplicação na prática letiva nas aulas de Filosofia, apresentando a seguinte estrutura: uma primeira parte onde se faz o *Enquadramento contextual da intervenção pedagógica*; na segunda parte procede-se ao *Enquadramento teórico da intervenção pedagógica*; na terceira parte faz-se a descrição da *Aplicação do Plano de Intervenção na prática letiva*. O trabalho conta ainda com uma introdução, uma conclusão, uma bibliografia e um conjunto de anexos.

**Palavras-chave: Ensino – Filosofia – Imagem - Estética – Arte**

## **Abstract**

The present work entitled the “The Role and Importance of the Image on Philosophy’s Teaching” is the Teaching Practice Report of the Master's degree in Philosophy Teaching in the Secondary School carried out in years of 2012/2013, in High School Martins Sarmiento, in Guimarães, in a group of the 10th of Visual Arts.

The issue that we propose to investigate was if the use of image is a didactical resource useful on the teaching of philosophical themes, contents and concepts on Philosophy lessons. We insided mostly on his use in the Esthetical Dimension.

In this report, we exposed the theoretical directions that served to base to our project, such as his application in the school practice of Philosophy presenting the following structure: the first part entitled *Contextual framework of the pedagogical intervention*; the second part entitled *Theoretical framework of the pedagogical intervention* and the third part the *Application of the Intervention Plan in school practice*. The work also includes an introduction, a conclusion, a bibliography and a set of appendices.

**Keywords: Teaching, Philosophy, Image, Esthetic, Art.**

## Índice

Agradecimentos.....	iii
Resumo em Português.....	v
Resumo em Inglês.....	vi
Índice.....	vii
Introdução.....	1
1. Enquadramento contextual da intervenção pedagógica.....	2
1.1. Caracterização da escola.....	2
1.2. Caracterização da turma.....	3
1.3. Justificação do tema.....	4
1.4. Objetivos.....	5
1.4.1. Objetivos gerais.....	5
1.4.2. Objetivos específicos.....	6
1.5. Objetivos e finalidades da questão a investigar.....	6
1.5.1. Objetivos gerais.....	6
1.5.2. Objetivos específicos.....	7
1.5.3. Finalidades.....	7
1.6. Metodologia.....	8
2. Enquadramento teórico da intervenção pedagógica.....	9
2.1. Conceito de Imagem.....	9
2.2. O uso e a importância da imagem no ensino-aprendizagem da filosofia.....	12
3. Aplicação do Plano de Intervenção na prática letiva.....	19
3.1. Síntese descritiva das principais atividades realizadas.....	19
3.2. Análise e avaliação do Projeto de Intervenção ao longo das aulas.....	23
3.3. Avaliação da Intervenção Pedagógica.....	36
Conclusão .....	40
Bibliografia.....	42
Anexo 1.....	44

Anexo 2.....	53
Anexo 3.....	55
Anexo 4.....	57
Anexo 5.....	61
Anexo 6.....	64
Anexo 7.....	65
Anexo 8.....	66
Anexo 9.....	70
Anexo 10.....	73
Anexo 11.....	74
Anexo 12.....	76
Anexo 13.....	79



## Introdução

Este Relatório de Estágio insere-se no Plano Curricular do 2º ano do Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário da Universidade do Minho e pretende descrever o percurso relativo à prática pedagógica desenvolvida numa turma de Artes Visuais do 10º ano, da Escola Secundária Martins Sarmiento, em Guimarães, no ano letivo de 2012/2013, em que foram lecionados os conteúdos da dimensão *III -Dimensões da ação humana e dos valores - 2. A dimensão estética – análise e compreensão da experiência estética.*

A prática pedagógica seguiu com a máxima exatidão possível as orientações que estão definidas no Plano de Intervenção Pedagógica, no qual se propõe explorar “O Papel e a Importância da Imagem no Ensino da Filosofia” como material didático para o ensino da filosofia. A utilização da imagem deve ser entendida como um recurso didático passível de contribuir para a compreensão dos conteúdos filosóficos.

Assim, estruturámos este relatório em quatro fases principais. Num primeiro momento, fizemos o Enquadramento contextual da intervenção pedagógica, que dá a conhecer todo o contexto em que o projeto foi aplicado e desenvolvido, ou seja, os aspetos referentes à organização escolar – aspetos físicos, institucionais, e pedagógicos - e ainda as principais características do seu plano orientador, Plano Geral da Intervenção Pedagógica (PIP).

Num segundo momento, faz-se o Enquadramento teórico da intervenção pedagógica, apresentando-se o quadro teórico, relativo ao papel e importância da imagem no processo de ensino-aprendizagem da Filosofia.

Num terceiro momento, apresentamos a Aplicação do Plano de Intervenção na prática letiva, procedendo-se à descrição das atividades, metodologias e abordagens desenvolvidas durante as aulas à luz do tema escolhido, fazendo-se, ainda, a Avaliação da Intervenção Pedagógica, onde são expostas as apreciações relativamente a todo o percurso formativo.

Num último momento, apresentam-se, de modo sintético e resumido as considerações finais, isto é, as principais ilações retiradas desta intervenção.

## **1. Enquadramento contextual da intervenção pedagógica**

### **1.1. Caracterização da escola**

A Escola Secundária Martins Sarmiento tem a sua origem em 1891 tendo tido várias designações ao longo dos tempos e o seu patrono é o célebre arqueólogo vimaranense Francisco Martins Sarmiento (1833-1899). Situa-se no centro de Guimarães e serve a população estudantil circunvizinha e também a de freguesias mais periféricas.

Está implantada numa vasta área de terreno com cerca de 24.000 m<sup>2</sup>, cuja área de logradouro possui a dimensão de 19.850 m<sup>2</sup> e encontra-se circundada por uma vedação totalmente renovada como medida de segurança. A área coberta da escola possui uma dimensão considerável que totaliza 4.200 m<sup>2</sup> e apresenta características muito próprias, desde a sua fachada até aos seus jardins. No ano letivo de 2011/2012 foi objeto de uma intensa remodelação, tendo sido dotada de condições e instrumentos, tornando-se numa escola moderna que vem ao encontro das necessidades educativas atuais.

Segundo o Projeto Educativo, a população discente é muito heterogénea, pressupondo, por conseguinte, práticas educativas e estratégias diversificadas com graus de adaptabilidade e flexibilidade por parte dos professores. No momento presente, apenas ministra o ensino secundário, funcionando em regime diurno, com 50 turmas e 1198 alunos. A escola encontra-se sobrelotada, pois possui uma capacidade de ocupação estimada para 850 alunos

Quanto à oferta educativa, a escola oferece Cursos Científico Humanísticos: Artes Visuais, Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas, Línguas e Humanidades; Cursos Profissionais e Educação e Formação de Adultos.

As taxas de transição/conclusão do ensino secundário são elevadas, situando-se no ano letivo 2006/2007, no 10.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade dos cursos Científico-Humanísticos/Gerais, nos 87,2%, 81,7% e 81,4%, respetivamente. Nos cursos Tecnológicos, as taxas de transição nos 10º, 11º e 12.º anos, reportadas ao ano letivo 2006/2007, situaram-se nos 93,1%, 93,9% e 94,9% respetivamente.

Tendo ainda como base os dados fornecidos pelo documento “perfil de escola” e comparando os resultados obtidos nas classificações internas e as obtidas nos

exames nacionais do 12.º ano de escolaridade, verificamos que, no ano letivo 2005, os alunos obtiveram médias de exame mais altas que as médias nacionais nas disciplinas de Português e Matemática (0,4 e 0,9, respetivamente) e mais baixas (0,4) que a média nacional na disciplina de História.

O quadro docente, segundo o Projeto Educativo, é constituído por 35 professores Titulares; 62 professores do Quadro de Escola; 21 professores Contratados, o que perfaz um total de 118 docentes. Estamos perante um quadro docente estável, com bastantes anos de experiência pedagógica e científica, que garante uma estabilidade e continuidade pedagógicas, fundamentais para o sucesso educativo.

## **1.2. Caraterização da turma**

Os alunos com quem trabalhámos no projeto de estágio constituíam a Turma AV1 do 10º Ano, do Curso de Artes Visuais, composta por 24 alunos, 10 de sexo masculino e 14 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos de idade. O seu comportamento no geral revelou-se bastante bom e era uma turma muito assídua e pontual.

Tendo em conta as observações efetuadas e pela caraterização dada pelo Orientador Cooperante, a turma revelou um significativo interesse pela disciplina de Filosofia, bem como pelas temáticas abordadas. O seu comportamento no geral era bastante bom, sendo uma turma muito assídua e pontual.

No que diz respeito à escolaridade dos pais, a maioria possuía o 12º ano de escolaridade, a nível de composição do agregado familiar, a maioria dos alunos vivia com os pais e tinham um irmão (média). Nenhum manifestou algum problema de saúde grave.

Igualmente, a maioria dos alunos vivia no centro da cidade de Guimarães, excetuando alguns que moravam em freguesias dos arredores da cidade.

Ao nível do comportamento tratou-se de uma turma com bom comportamento, atenta, participativa e interessada, não tendo havido nenhum problema disciplinar a este nível. A maioria dos alunos pareceu estudar fora da escola cerca de uma a duas horas por dia. Devido também a estes fatores o sucesso escolar e o aproveitamento foram bons.

No ano anterior, 9º ano, a maioria dos alunos teve um bom aproveitamento a Português, Matemática e Línguas. Não se registaram dificuldades significativas no ano transato, nem no presente.

A taxa de assiduidade e de pontualidade foi bastante elevada, não se registando problemas a esse nível. Os encarregados de educação também tiveram uma participação bastante ativa em relação aos seus educandos.

Relativamente ao plano de atividades de turma, uma vez que se tratou de uma turma de artes visuais, foi-lhes proposto uma série de atividades. Apontámos duas que mereceram maior destaque: o “Liceu got talent 2013”, que consistiu num concurso em que os finalistas participaram no “Sarau Cultural” das IV Jornadas Culturais. Outra atividade de maior relevo prendeu-se com a dinamização do Jornal da Escola, intitulado “O Pregão” em que os alunos além de levarem outras turmas a dinamizá-lo publicaram muitos dos seus trabalhos, frequentemente ligados à sua área, as Artes Visuais.

### **1.3. Justificação do tema**

Tendo em conta este pressuposto o tema “O Papel e a Importância da Imagem no Ensino da Filosofia”, pareceu adequar-se a este plano de intervenção, já que veio ao encontro da *Dimensão Estética* presente no Programa de Filosofia do 10º ano do Ensino Secundário e inclusivamente à natureza da própria turma, uma vez que estes eram do Curso de Artes Visuais, curso este em que a imagem e a dimensão estética ocupam um papel central.

O tema por sua vez também adquiriu um significado especial e central na sociedade em que nós e os alunos estamos inseridos, já que cada vez mais lidamos e somos invadidos por todo tipo de imagens, que muitas vezes são construtoras dos mais diversos significados que medeiam a nossa relação com o mundo. Daí ser importante questionar os alunos acerca do seu papel para que estes por sua vez pudessem refletir sobre o seu significado, adquirindo uma consciência crítica e contextualizada nas nossas vidas e realidade.

Por outro lado, o tema da investigação adequou-se perfeitamente aos conteúdos que foram abordados e lecionados nas nossas aulas, já que a unidade escolhida foi a *Dimensão estética – análise e compreensão*, onde mais uma vez a imagem,

dentro desta dimensão, ocupa um espaço primordial. É o próprio Programa de Filosofia do 10º e 11º Anos, dentro desta linha, que chama a atenção para a necessidade de o estudante de Filosofia adquirir “meios adequados ao desenvolvimento de uma sensibilidade cultural e estética, contribuindo para a compreensão da riqueza da diversidade cultural e da arte como meio de realização pessoal, como expressão da identidade cultural dos povos e como reveladora do sentido da existência.”<sup>1</sup>

Por fim, não pretendemos, dentro do próprio âmbito da disciplina de Filosofia, limitar e esgotar o tema da nossa investigação à referida unidade da *Dimensão estética - análise e compreensão*, mas sim alargar esta reflexão e estudo a todo o manual de Filosofia. Como sabemos, os manuais desta disciplina são extensos, acompanhados dos mais variados tipos de imagens, com o papel de ilustrar e ligar os temas filosóficos em si com essas mesmas imagens, criando assim uma espécie de intertextualidade e inter-relação entre filosofia, arte, fotografia, eventos, símbolos, entre outros. Interessou-nos neste sentido averiguar de que modo a comunidade escolar (principalmente alunos e professores) entende esta relação entre Filosofia e imagem no ensino da disciplina de Filosofia, e principalmente a utilidade, pertinência e contributos que essas imagens podem fornecer à compreensão das competências e dos conteúdos filosóficos.

## **1.4. Objetivos**

Sub-Unidade escolhida para lecionação pelo estagiário

*III – Dimensões da ação humana e dos valores*

*A dimensão estética – análise e compreensão da experiência estética*

### **1.4.1. Objetivos Gerais**

- Reconhecer a filosofia como um espaço de reflexão interdisciplinar;

---

<sup>1</sup> HENRIQUES, F. et alii (2001). *Programa de Filosofia*. Lisboa: Ministério da Educação.

- Tomar contato com distintos sistemas de valores e diversos paradigmas de valoração;
- Iniciar a leitura crítica da linguagem icónica (BD, pintura, fotografia) e audiovisual (cinema, televisão);
- Identificar os instrumentos de descodificação e análise e descodificação da linguagem icónica.

#### **1.4.2. Objetivos Específicos**

- Desenvolver a sensibilidade estética;
- Promover competências de leitura e crítica das imagens;
- Clarificar os conceitos de experiência/atitude estética e de juízo de gosto;
- Compreender a experiência estética como modo de entender a realidade;
- Reconhecer a arte como uma dimensão essencial do ser humano;
- Refletir sobre o significado da arte e da criação artística;
- Compreender a natureza da obra de arte;
- Analisar e discutir diferentes teorias e critérios usados para definir a arte;
- Reconhecer a especificidade das linguagens artísticas.

### **1.5. Objetivos e Finalidades da Questão a Investigar**

#### **1.5.1. Objetivos Gerais**

- Avaliar o papel que a imagem tem no ensino da Filosofia no Ensino Secundário;
- Desenvolver metodologias de trabalho em sala de aula a partir do uso da imagem;
- Identificar a pertinência das imagens usadas no manual escolar adotado.

### **1.5.2. Objetivos Específicos**

- Entender de que forma o uso das imagens em Filosofia contribuem para a aquisição dos conteúdos filosóficos propostos;
- Avaliar a adequação das imagens aos conteúdos e conceitos a elas referentes;
- Desenvolver novas metodologias de aproveitamento das imagens fornecidos pelo manual;
- Promover o interesse dos alunos pelas questões da história da filosofia;
- Avaliar a pertinência das imagens no domínio da *Dimensão Estética*.

### **1.5.3. Finalidades**

As principais finalidades do Projeto de Intervenção Pedagógica centraram-se na problematização da *Dimensão Estética* do Programa de Filosofia do 10º Ano, bem como o papel e importância das imagens no ensino da filosofia.

Como se sabe os manuais de filosofia recorrem de um modo bastante extensivo ao uso de imagens para que estas ilustrem ou exemplifiquem os conteúdos tratados. Pensamos que estas imagens são usadas de modo pertinente e que ajudam os alunos a compreenderem melhor os conteúdos e conceitos filosóficos e que relacionem as ideias filosóficas com outras áreas do conhecimento, levando o aluno a perceber que a atividade filosófica se estende a todas as áreas da vida, da realidade e do mundo e não se trata de uma mera disciplina escolar desligada de tudo e que só interessa para transitar de ano.

Foi com esta finalidade que este Projeto de Intervenção Pedagógica foi desenvolvido.

## **1.6. Metodologia**

Para a lecionação dos conteúdos procurámos usar o manual escolar como elemento base, através do qual trabalhámos com os alunos os temas propostos.

Foi sempre usado o método dialógico baseado na pergunta/resposta, isto para que os alunos desenvolvessem o questionamento filosófico e conseguissem argumentar devidamente o seu ponto de vista quer de forma oral, quer de forma escrita.

Explorámos igualmente outros materiais que se revelaram pertinentes para a compreensão dos conteúdos e conceitos que abordámos, de modo a que as aulas fossem dinâmicas e motivantes para facilitar a aprendizagem, recorrendo a: inquéritos, quadro, cadernos, PowerPoint, filmes, documentários, músicas, textos, manual, fotocópias, fichas de leitura, fichas de trabalho, entre outros.



## 2. Enquadramento teórico da intervenção pedagógica

### 2.1. Conceito de Imagem

Em primeiro lugar, é preciso esclarecer que o conceito de imagem é polissémico, ou seja, adquire vários significados, consoante as épocas, autores e áreas de conhecimento. Não nos interessa, por isso, neste contexto, fazer um estudo exaustivo sobre a sua significação, mas apresentar algumas propostas de definição de alguns autores que consideramos mais pertinentes para a natureza deste trabalho.

Sobre a imagem diz a *Enciclopédia Moderna*: “Do latim *imago*; 1. Representação de uma pessoa ou de uma coisa pelas artes gráficas ou plásticas, a fotografia, o filme, etc. 2. O que reproduz, imita ou, por extensão, evoca alguém ou alguma coisa. 3. Representação mental de um ser ou de uma coisa. 4. Expressão que evoca a realidade por analogia ou semelhança com o um domínio diferente daquele a se que aplica.” (Larousse, 2009: 3844) Resumindo, neste contexto, podemos afirmar que a imagem é uma representação.

Etimologicamente, o termo imagem remonta ao grego, a palavra deriva de *eidos*, e no latim, *imago* significa representação, forma, imitação, retrato e, por derivação, temos o adjetivo imaginário, imaginativo, etc.

Os filósofos da antiguidade mais importantes na abordagem deste conceito são Platão e Aristóteles:

É também um tema crucial de reflexão filosófica desde a Antiguidade. Platão e especialmente Aristóteles combateram-na e defenderam-na pelas mesmas razões. Imitadora, para um ela engana, para outro ela educa; desvia da verdade ou, pelo contrário, conduz ao conhecimento. Para o primeiro, seduz as partes mais fracas da nossa alma; para o segundo, é eficaz pelo próprio prazer que nos proporciona. Única imagem graciosa aos olhos de Platão é a ‘imagem natural’ (reflexo ou sombra), a única que se pode tornar num instrumento filosófico (JOLY, 1994: 18).

Platão é considerado por muitos o primeiro teórico do conceito de imagem, aparecendo em várias das suas obras, nomeadamente na *República* na conhecida passagem da alegoria da caverna. Para este filósofo, a questão da reminiscência, da representação, da ideia, da realidade é de elevada importância. A autora Martine Joly afirma que na *República* de Platão está presente a seguinte definição de imagem:

Uma das mais antigas definições de imagem, dada por Platão, esclarece-nos: Chamo imagens em primeiro lugar; em seguida aos reflexos nas águas ou à superfície dos corpos opacos polidos e brilhantes e todas as representações deste género (*IBIDEM*, 1994: 13).

Quer isto dizer que para Platão a imagem já seria um objeto segundo, tal como acontece com o reflexo na água. Assim, a imagem é dotada de significado, uma vez que representa alguma coisa, seria uma projeção da mente, uma projeção da ideia, à luz da sua teoria do idealismo.

Já Aristóteles, controversamente, à luz da teoria do realismo, acreditava que a imagem era a representação mental do objeto real, que é adquirida através dos sentidos. Existe assim uma forte vinculação entre imagem (imaginação) e pensamento, afirmando diversas vezes que são indissociáveis:

Aristóteles vincula, decisivamente, o pensamento à imaginação, como quando afirma que jamais a alma pode pensar sem imagens (*MORAES*, 2007: 23).

Nas palavras do mesmo autor sintetiza-se, em nosso entender, o conceito de imagem:

O decisivo aqui é notar que as imagens não são, para Aristóteles, construções subjetivas aleatórias, o que nós chamamos de “fantasias”, mas antes o modo como a alma pensante acede imediatamente àquilo que é. Apenas atentando e atendo-se às imagens o pensamento pode captar o real assim mesmo como ele é e se dá a ver, vindo ao nosso encontro (*IBIDEM*, 23).

Nos nossos dias, a imagem tende a ser formulada da seguinte maneira:

O termo aplica-se a duas realidades diferentes: a) produto ou resultado de um fenómeno psíquico que consiste na representação das coisas sensíveis, na ausência destas; b) classe de objectos, geralmente de natureza artística que funcionam como substituto, reprodução, evocação ou recriação de coisas reais ou de realidades espirituais. No sentido de a) uma longa tradição criou a expressão de «imagem mental»; no sentido de b) a corrente fenomenológica fala de objeto imagem. São exemplos de objetos-imagens estátuas, gravuras, fotografias, etc. (...) Fenomenologicamente, é mais correto falar de imaginação ou de consciência imaginativa: a imagem considerada como representação interna, não existe. (...). (SARAIVA, 1999: 1328-1330).

Tendo em conta todas estas definições e para não entrarmos em demasiadas especificações da significação do termo imagem, podemos num sentido mais abrangente afirmar que uma imagem pode ser uma determinada representação de outra coisa que pode ou não pertencer ao campo do real, que transmite determinadas mensagens e que pode apresentar vários formatos, desde a pintura, a fotografia, o filme, etc.

Para terminar recorreremos a uma citação de Alberto Klein, que sintetiza o conceito de imagem:

O que são imagens, então? De um ponto de vista da cultura e levando em consideração o aspecto material do objeto, imagens são textos culturais, construídos pelo homem, frutos de sua imaginação, que duplicaram o seu mundo e seu imaginário, dando-lhe formas figurativas ou abstratas nos mais diversos suportes visuais. As diferentes funções e naturezas das imagens, em diferentes épocas, congregam a ambivalência da distância representativa e de sua participação na essência do que está por detrás delas. Representação e presentificação são dois limites (não deixando de, observar as inúmeras possibilidades gradativas) entre os quais percorre o poder que as imagens sempre exerceram sobre o homem (KLEIN, 2005: 186).

## **2.2.O uso e a importância da imagem no ensino-aprendizagem da filosofia**

A questão principal deste relatório centra-se na utilização de imagens na lecionação das aulas de filosofia, principalmente no que diz respeito à *Dimensão Estética*. No próprio Programa de Filosofia, no ponto 1.4. refere-se: “Iniciar à leitura crítica da linguagem icónica (BD, pintura, fotografia) e audiovisual (cinema, televisão), tendo por base instrumentos de descodificação de análise.” (HENRIQUES, F, et alli, 2001: 10). A aplicação da imagem no processo de ensino-aprendizagem pode ser muito variada, quer seja para a finalidade de memorização, de aprendizagem de conceitos, de motivação para a aprendizagem, entre outros.

Interessa-nos agora abordar o conceito no âmbito educativo, referindo as principais funções da imagem. Segundo Guerra (1984), a imagem no campo educativo adquire as seguintes funções: motivadora, usada para captar a atenção, quebrar a monotonia do texto ou motivar os alunos; vicarial, uma vez que representa uma realidade escolhida para a transmissão de um conteúdo preciso; catalizadora, utilizada para provocar uma determinada experiência didáctica que leve o aluno a reorganizar o real e a facilitar a compreensão; informativa, em que visa informar em termos sincrónicos e diacrónicos; explicativa, que permite explicar graficamente um processo, uma relação ou uma sequência temporal; facilitadora, que ilustra o conteúdo apresentado no texto; estética, em que visa, por exemplo, a criação de harmonia na composição dum texto, tornando-o mais expressivo com a introdução de elementos visuais (cor, forma, textura, etc.); e, finalmente, comprovativa, que permite verificar determinada ideia, processo ou operação.

Outros estudos científicos como os de (Calado, 1994), demonstram que o uso de imagens em contexto educativo constitui um dos elementos de suporte da mensagem pedagógica. A imagem tem um poder extraordinário como favorecedora da aprendizagem e da aquisição de competências nos domínios afetivo e cognitivo. Além disso, os professores reconhecem que, para transmitir um determinado conteúdo, o recurso à imagem permite motivar, captar a atenção e facilitar a memorização dos alunos. Será importante realçar que, para que esses objetivos sejam alcançados, a imagem como linguagem precisa da

dimensão crítica do professor, tempo e meios para dirigir a ação dos alunos à aprendizagem significativa sempre articuladas com as diferentes linguagens.

Esta autora também enumera as principais funções da imagem quando utilizada nos diversos contextos educativos, tendo em consideração as doze funções da comunicação, podendo assim coexistir numa mesma imagem diversas funções: função persuasiva, onde o objetivo passa pela motivação; função poética, associada a imagens de cunho artístico; função referencial, centrada na informação contida na mensagem; função representativa, onde a imagem reforça as informações mais importantes passadas de uma forma verbal; função organizadora, ao estabelecer relações espaciais e conexões entre os dados da mensagem; função interpretativa, conferindo à informação uma maior inteligibilidade; função transformadora, associada a imagens não convencionais; função decorativa, que visa atrair o aluno, embelezando a informação; função memorizadora, associada a imagens que procuram facilitar a retenção dos conteúdos; função de complemento, onde a imagem acrescenta conhecimentos aos que já foram adquiridos; função dialética, onde é introduzida na mensagem uma ambiguidade que pode ser fator de novas compreensões por parte do aluno e, finalmente, a função substitutiva, onde as imagens são autónomas como mensagem única (cf. CALADO, 1994: 102-105).

No processo pedagógico de ensino-aprendizagem, através da utilização de imagens como a pintura, a fotografia, o filme, etc, devemos em primeiro lugar avaliar a sua importância, qualidade e pertinência, ou seja, verificar se realmente potenciam a transmissão de um determinado conteúdo ou conhecimento ao aluno.

As imagens podem, assim, ter diversas funções, podendo estar, direta ou indiretamente, implicadas nas propostas didáticas do professor. Por isso, compete-lhe a tarefa de escolher que imagens usar, adequando-as às características dos alunos e aos conteúdos e conceitos filosóficos a abordar:

É necessário realçar que a função do professor é estabelecer uma ligação entre os seus alunos e as imagens, para o qual deverá, através da colocação de questões, criar uma comunicação entre ele e os alunos. A comunicação verbal é, assim, importante, pois a imagem não prescinde da palavra. Ou seja, ao contrário do que muitos

docentes temem, a imagem não substitui o professor, antes pelo contrário, como disse Bullaude (1969), a imagem é um prolongamento das capacidades de comunicação do professor e implica-o muito directamente no ensino/aprendizagem (LENCASTRE e CHAVES, 2003: 2101)

Também é importante ressaltar que no ensino pela imagem, esta deve ser usada preferencialmente se o aluno na altura em que a visualiza já está familiarizado com a temática ou conteúdos que esta pretende transmitir, para que determinada informação ganhe sentido e se torne num fator de aprendizagem relevante. Só assim é reconhecido o seu papel no processo de ensino-aprendizagem.

Sempre que pretendermos utilizar e analisar qualquer tipo de imagem é necessário tomar alguns procedimentos para que não se perca a intencionalidade e finalidade na sua utilização, ou seja, ela tem de ser bem contextualizada e sempre que possível articulada com um texto, que se relacione directamente com essa determinada imagem. Já Joly defende esta complementaridade e interação entre imagens e texto:

A complementaridade das imagens e das palavras reside também no facto de elas se alimentarem umas das outras. Não existe qualquer necessidade de uma copresença da imagem e do texto para que este fenómeno se verifique. As palavras engendram palavras que engendram imagens, num movimento sem fim (JOLY, 2012: 141-142).

Por outro lado, é essencial que o professor também não pratique uma leitura em que o texto seja um fim em si mesmo. Deve ter-se o cuidado de articular a leitura do texto, permitindo um trabalho mais significativo no campo da estética nas aulas de filosofia. Nas aulas, os recursos tornam-se ferramentas que auxiliam a atividade crítica que, trabalhados com o rigor próprio da filosofia, colaboram na formação dos alunos.

Assim, a utilização de diferentes linguagens levará o aluno a ter uma maior motivação e interação no processo de aprendizagem, bem como uma postura mais crítica no que diz respeito às questões e temas abordados.

A imagem no ensino de temas filosóficos, constitui um instrumento didático enriquecedor, que promove uma função lúdica e imaginativa, desencadeando

sentimentos que causam empatia e motivação nos alunos. Isto sem esquecer que cabe ao professor estabelecer metas e objetivos didáticos para as imagens utilizadas, destacando e potencializando os aspetos mais relevantes dessas imagens, nunca esquecendo a estreita ligação com os conteúdos ou conceitos filosóficos tidos em conta. Como refere Zamudio, devemos:

procurar uma formação que nos capacite para aproveitar e interpretar a imagem fixa e as imagens em movimento, apreciar as potencialidades da imagem, distinguir as imagens de pouca qualidade daquelas artísticas e criativas, e utilizar estas últimas como uma ferramenta para a realização de objetivos de aprendizagem (ZAMUDIO, 1998: 34).

Consideramos que a utilização da imagem deve obedecer a três princípios: primeiro, deve ser utilizada como um meio de transmissão de conteúdos programáticos presentes no Programa de Filosofia do 10º/11º ano; segundo, deve servir como fator de expressão e desenvolvimento da capacidade criativa dos alunos; e, finalmente, deve ser tomada como um meio importante para a elaboração de materiais didáticos.

Uma das mais-valias que podemos atribuir à utilização da imagem é a sua capacidade motivadora para a aproximação dos conteúdos filosóficos por parte dos alunos. Durante as aulas lecionadas sobre a *Dimensão Estética*, tendo em conta que se tratava de uma turma de Artes Visuais, constatámos que o uso das imagens despertavam nos alunos uma forte motivação para a análise das mesmas e conseqüentemente faziam a ponte para a exploração e análise dos conteúdos estéticos e filosóficos em questão. Assim, a utilização que fizemos da imagem tinha como objetivo suscitar a adesão aos conteúdos que eram abordados, e para tal foi importante relacionar esta atividade com a proximidade que os alunos tinham com os temas artísticos, que também eram abordados noutras disciplinas do seu currículo. Como refere Moreno:

O aluno pode ser intrinsecamente motivado para envolver-se em atividades de aprendizagem em que se pode relacionar consigo mesmo num nível pessoal como quando são apresentados problemas que ele sente a necessidade de resolver (MORENO, 2010: 372).

Através da observação direta nas aulas lecionadas, constatámos que o recurso às imagens de pinturas, esculturas, entre outras, serviu para promover a atenção dos alunos. A utilização de imagens, de acordo com as estratégias delineadas, teve como fim uma perspectiva construtivista, uma vez que não teve como único objetivo a mera transferência de conhecimento proporcionada pela sua visualização, mas a preocupação de ser o próprio aluno a promover a sua auto-aprendizagem, reflexão e pensamento crítico.

Assim, como será descrito na análise das várias aulas, os alunos envolveram-se ativamente na reflexão e compreensão das obras artísticas, colocando questões sobre as mesmas e descrevendo as várias emoções estéticas que estas suscitavam. O recurso a estes instrumentos permitiu uma melhor compreensão dos objetivos inerentes à *Dimensão Estética*, como por exemplo: a Experiência Estética, o Gosto, o Belo, o Sublime, o Subjetivismo Estético, entre outros. Uma abordagem meramente teórica em torno desses conceitos tornaria difícil aos alunos relacionarem-se com as questões do que é belo, o que é uma experiência estética, o que é um juízo estético, entre outras. Com acesso às obras, seja de imagem ou som, será mais fácil entender por exemplo o subjetivismo estético de Kant ou o objetivismo estético de Platão, as técnicas de arte das várias épocas, os vários movimentos artísticos, as várias correntes estéticas, bem como a mercantilização da arte.

Como afirma Gilles Deleuze (2005), a arte não pensa menos que a filosofia, mas fá-lo através de perceções e afetos. Para este filósofo, é possível modificar o que significa pensar uma nova imagem do pensamento, criar outras entidades poéticas, pictóricas ou musicais a partir de outras linguagens não convencionais. Para isso, é necessário que se vá mais além e que se coloque a arte no seu devido lugar, usando-a para estimular a aprendizagem e imprimir um ritmo mais criativo ao processo de ensino-aprendizagem. Para Read (1982) é fundamental a inserção da educação estética em todo este processo educativo, devendo-se ir mais além do simples conceito de educação artística (visual ou plástica), de maneira a abranger todos os modos de expressão distintos: literária e poética, musical ou auditiva. A educação estética é no fundo uma educação para os sentidos, pois a inteligência e as ideias do homem, bem como a consciência baseiam-se na sensibilidade.



Já desde a antiguidade que o ser humano se volta para as questões estéticas e atribui valor às produções humanas, incluindo a arte, que é entendida como o meio pelo qual o homem exprime um determinado conceito, desde os primórdios até a atualidade. Os alunos também fazem parte de um mundo constituído, sendo necessária a reflexão tanto sobre a arte em si, como em relação às questões relacionadas com Estética:

É por isso que a dimensão estética, e não apenas a dimensão artística deve ser promovida e incentivada pela educação. Quando uma organização parece ter falhado, quando o cientismo e a prepotência daqueles que efetivamente detêm o poder tornando a vida dos outros insuportável o que resiste e manifesta a grandeza do indivíduo e a transcendência da existência, é o aparecimento de diversas expressões artísticas que nenhum limite ideológico ou científico consegue reprimir (MANSO, 2008: 24).

Podemos afirmar que, entre outros, os principais objetivos e finalidades da educação estética são: acionar todos os modos de percepção e sensação e coordená-los entre si e em relação ao que os envolve, possibilitando a expressão e comunicação dos sentimentos e de toda a experiência mental. Para além da arte poder auxiliar a educação é necessário, sempre que possível, alertar os professores para um pleno conhecimento em termos de pedagogia prática, assim como dominar as técnicas para a sua real implementação, sabendo de antemão quem é o seu público-alvo e quais as suas reais necessidades:

Para lá de todas as questões, convém que definitivamente se passe a educar social e culturalmente a dimensão estética de todos os indivíduos quer possuam um dom especial para determinado campo artístico, quer sejam simples cidadãos que apenas devem aprender a maravilhar-se com tudo aquilo que os rodeia, antes de qualquer manipulação sectorial se impor à sua existência (*IBIDEM*: 29).

Com o recurso a matérias “estéticos”, como filmes, telas ou esculturas, espera-se que o professor desenvolva no aluno um raciocínio mais analítico, crítico e reflexivo, para que possa compreender melhor certos conceitos e temas de filosofia, essenciais para o trabalho sobre a dimensão estética.

Como expusemos ao longo deste ponto, não defendemos que a imagem deva ser um elemento de aprendizagem por si só, uma vez que ela não pode simplesmente substituir o texto e a via oral, porém, não podemos ignorar que expressa outras possibilidades de abordagem e estudo dos temas e conceitos em questão.

Na nossa experiência letiva incluímos diferentes tarefas, através de materiais didáticos diversos, de forma a possibilitar varias maneiras de aprender. Neste caso específico da leção da *Dimensão Estética*, utilizámos maioritariamente imagens de obras de arte remetendo os alunos para situações concretas, favorecendo e suscitando um envolvimento afetivo em relação aos conteúdos abordados. Por outro lado, as obras de arte favorecem a compreensão intelectual dos conteúdos de um grupo mais alargado de alunos que tiveram a oportunidade de aprender a matéria por diversas vias.

Para terminar este capítulo, podemos afirmar que hoje em dia o recurso à imagem em contexto escolar revela-se indispensável para tornar o sistema educativo mais atrativo e atualizado, mas, essencialmente, porque permite a participação mais ativa dos alunos e uma dinamização plural da aula. O dia a dia dos nossos jovens está cada vez mais ligado à imagem (sob as suas mais variadas formas), sendo assim uma linguagem com a qual estão muito familiarizados. As novas gerações nasceram num mundo rodeado de imagens, e cabe ao professor aproveitar essa realidade e ter a responsabilidade da sua introdução de modo eficaz e pertinente na sala de aula, ensinando por sua vez os alunos a gerir a informação e a comunicar com e pelas imagens. Se usada apropriadamente, a imagem permite a abordagem de conteúdos de forma estimulante, permitindo uma melhor compreensão e aquisição de conhecimentos. Não restam dúvidas de que a imagem, como linguagem, origina novas possibilidades no ato de ensino-aprendizagem.

### 3. Aplicação do Plano de Intervenção na prática letiva

#### 3.1. Síntese descritiva das principais atividades realizadas

Tendo em conta o objetivo principal do relatório de estágio - saber qual o papel e importância da imagem no ensino da filosofia - fomos realizando ao longo de todas as aulas atividades que evidenciassem esse papel, utilizando materiais (imagens, quadros, fotografias, vídeos) adequados e que propiciassem uma correta análise das várias questões e conceitos filosóficos levantados.

A prática pedagógica incidiu na lecionação dos conteúdos programáticos do 10º ano de Filosofia, da *Unidade III – Dimensões da ação humana e dos valores*, mais especificamente *A dimensão estética – análise e compreensão da experiência estética*. No entanto, nos últimos três blocos, lecionei outra unidade do programa de 10º de Filosofia, *IV Unidade – Temas/Problemas do Mundo Contemporâneo – Direitos Humanos e Globalização*, incidindo principalmente nos *Direitos Humanos*.

De um modo geral, uma vez que o tema do projeto era “O Papel e a Importância da Imagem no Ensino da Filosofia”, em quase todas as aulas foram utilizadas imagens de diversas proveniências para que se pudesse analisar e entender de que forma eram um recurso importante para o ensino da filosofia, designadamente no que respeitava à dimensão estética, como se pode observar no seguinte quadro:

<b>Tema e Conteúdos Programáticos:</b>	<b>Materiais</b>
<b>2. A dimensão estética – análise e compreensão da experiência estética</b> <b>2.1. A experiência estética</b> 2.1.1. Caracterização da experiência e da atitude estética.	<b><i>Pietà</i></b> , escultura de Michelangelo <b><i>Stabat Mater</i></b> , música de Pergolesi <b><i>Pietà</i></b> , poema de Reinaldo Ferreira <b><i>Pietà</i></b> , pintura de Boticelli <b><i>Pietà</i></b> , pintura de Van Gogh

	<p>Com a apresentação destas cinco obras pretendeu-se que os alunos percecionassem, e compreendessem o que se pode entender por uma experiência estética.</p>
<p><b>2.1. A experiência estética e o juízo estético.</b></p> <p>Sensibilidade estética</p> <p>Teorias acerca do juízo estético</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Subjetivismo estético de Kant</li> <li>- Objetivismo estético</li> </ul>	<p><b><i>O jardim das delícias</i>, pintura de Hieronymos Bosch</b></p> <p><b><i>O nascimento de Vénus</i>, pintura de Sandro Botticelli</b></p> <p><b><i>O Três de Maio</i>, pintura de Francisco Goya</b></p> <p><b><i>O tocador de pífaro</i>, pintura de Edouard Manet</b></p> <p><b><i>Rapariga com sombrinha</i>, fotografia de Louis Lumiere</b></p> <p>Através da projeção das imagens referidas teve-se a intenção de tentar compreender mais aprofundadamente o que é uma experiência estética. Também foram utilizadas as mesmas imagens para explicar se ao visualizar uma determinada imagem, podemos formular ou não um juízo estético.</p>
<p><b>2.2. A criação artística e a obra de arte (três teorias)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Arte como imitação (<i>mimesis</i>)</li> </ul>	<p><b><i>David</i>, escultura de Miguel Ângelo</b></p> <p><b><i>A Leiteira</i>, pintura de Johannes Vermeer</b></p> <p><b><i>Bom dia, Senhor Courbet</i>, pintura de Coubert</b></p> <p><b><i>As meninas de Velázquez</i>, pintura de Diego Velázquez</b></p> <p><b><i>Autoretrato com sete dedos</i>, pintura de Marc Chagall</b></p>

	<p><b><i>Composição em Vermelho, Amarelo, Azul e Preto</i></b>, pintura de Mondrian</p> <p><b><i>Número 8</i></b>, pintura de Jackson Pollock</p> <p><b><i>Dom Afonso Henriques</i></b>, escultura de João Cutileiro</p> <p><b>Video: <i>O meu amigo Mike ao trabalho</i></b>, de Fernando Lopes.</p> <p>Nesta aula, o objetivo principal era ensinar aos alunos a teoria da <i>mimesis</i>, ou seja, a consideração da arte como imitação da realidade. Tendo em conta este pressuposto, apliquei estas imagens, que precisamente exemplificam e ajudam a compreender em que consiste essa teoria. Do que pudemos perceber, os alunos após a visualização das mesmas e respetiva explicação, compreenderam esta teoria com facilidade.</p>
<p><b>2.2. A criação artística e a obra de arte (três teorias)</b></p> <p>Arte como expressão (expressivismo)</p> <p>Arte como forma significativa (formalismo)</p>	<p><b><i>A dança</i></b>, pintura de Edvard Munch</p> <p><b><i>A dança</i></b>, pintura de Paula Rego</p> <p><b><i>As três idades da mulher</i></b>, pintura de Gustav Klimt</p> <p><b><i>O Grito</i></b>, pintura de Edvard Munch</p> <p><b><i>Composição em Vermelho, Amarelo, Azul e Preto</i></b>, pintura de Mondrian</p> <p><b><i>Ritmo de Outono</i></b>, pintura de Jackson Pollock</p> <p><b><i>Festa Bretanha</i></b>, pintura de Vieira da Silva</p> <p><b><i>Offers</i></b>, pintura de Michael Biberstein</p>

	<p>Da mesma forma que na anterior teoria da <i>mimesis</i>, aqui os alunos visualizando obras de pintura relacionadas com as duas diferentes teorias acerca da natureza da obra de arte - o expressivismo e a arte como forma significativa - conseguiram perceber as teorias em causa. A seleção destas pinturas foi feita de modo a que os alunos pudessem identificar as duas teorias de modo inequívoco, deixando de lado alguma subjetividade.</p>
<p><b>2.3. Arte, produção e consumo, comunicação e conhecimento.</b></p> <p>A multidimensionalidade da obra de arte como:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- forma de revelação de novos modos de ver o sujeito e o mundo.</li> <li>- linguagem: pluralidade de sentidos da obra de arte.</li> </ul>	<p><b><i>O poder da arte</i>, documentário da BBC (Video)</b></p> <p><i>O poder da arte</i> é uma série produzida pela BBC que aborda várias questões relacionadas com a arte. Este excerto de um dos episódios, <i>Humano mais que humano</i>, aborda a questão de como a arte pode alargar ou fornecer-nos uma visão de como vemos o mundo, a realidade ou o ser humano. Este episódio, em concreto, explica-nos como os humanos se veem e se entendem ao longo da história, com maior enfoque na história da arte. Relacionou-se perfeitamente com o tema “a arte como forma de revelação de novos modos de ver o sujeito e o mundo”. Neste ponto a imagem ou o suporte de vídeo revelou-se um excelente instrumento para que através da imagem os alunos conseguissem entender determinadas ideias filosóficas relacionadas com a dimensão estética, tema do programa de filosofia.</p>

<p><b>IV Unidade – Temas/Problemas do Mundo Contemporâneo – Direitos Humanos e Globalização</b></p>	<p><b><i>Mas afinal o que é que são os direitos humanos? Documentário (Video)</i></b></p> <p>Sabendo que este tema em nada tem a ver com o anterior, uma vez que se trata de conteúdos mais direcionados para as questões sociais e ético-políticas, resolvemos, da mesma forma, usar a potencialidade da imagem para a compreensão de temas de filosofia. Assim, selecionámos um vídeo que sintetiza, mas que também explica, o que são os direitos humanos. Na nossa opinião pareceu-nos muito mais útil e de melhor compreensão os conteúdos que poderia ter exposto somente de modo verbal. É claro que a projeção deste vídeo não dispensou um comentário oral da nossa parte. Mais uma vez, concluímos que a imagem ou o vídeo é um excelente meio de transmitir os conceitos e conteúdos filosóficos.</p>
---	--

Além destas atividades desenvolvidas em sala de aula, também se destacam duas atividades extras. Uma que consistiu numa visita de estudo à Galeria Gomes Alves, em Guimarães, a uma exposição de pintura da pintora Adelaide Barbosa e outra intitulada - *A minha Escola adota um Museu, um palácio, um monumento...* - que consistiu num concurso nacional em que as escolas/turmas teriam que criar uma obra de arte relacionada com uma das presentes no Museu Alberto Sampaio, em Guimarães dando-lhe uma nova perspectiva, para depois ser avaliada por um júri. Estas duas atividades serão descritas mais detalhadamente, num momento posterior.

### **3.2. Análise e avaliação do Projeto de Intervenção ao longo das aulas**

Ao longo deste capítulo faremos uma descrição crítica das aulas lecionadas em que as imagens foram utilizadas, nomeadamente a sua pertinência e utilidade

para a aprendizagem dos alunos. Abordaremos também a articulação que foi feita com os textos e conteúdos filosóficos tratados. Numa parte final, comentaremos duas atividades realizadas: uma que se tratou de uma visita a uma exposição de pintura na Galeria Gomes Alves em Guimarães e outra atividade intitulada *A Minha Escola adota um museu, um palácio, um monumento....*

***Pietà*, escultura de Michelangelo**

***Stabat Mater*, música de Pergolesi**

***Pietà*, poema Reinaldo Ferreira**

***Pietà*, pintura de Boticelli**

***Pietà*, pintura Van Gogh**

Aula lecionada no dia 09 de abril de 2013 (cf. Anexo 2)

Estas cinco obras de arte foram utilizadas como introdução ao conceito de experiência estética, inserindo-se no ponto 2. *A dimensão estética – análise e compreensão da experiência estética (2.1. A experiência e o juízo estético)*. Todas as imagens referem-se à *Pietà*, ou seja, Mãe de Jesus a receber o corpo do filho morto descido da Cruz. As diferentes formas artísticas representam o sofrimento de Maria e retratam a emoção sentida. As obras podem ser interpretadas como uma representação simbólica do sofrimento de todas as mães perante a morte do filho. Achámos pertinente não só incluir pinturas ou imagens, mas também recorrer a outras linguagens artísticas como a música e a poesia, alargando assim o leque de possíveis reações à experiência estética e que na nossa opinião se revelou bastante profícua e motivadora para os alunos.

Em primeiro lugar, projetámos as imagens da *Pietà* de Michelangelo, de Boticelli e de Van Gogh, em que os alunos tinham que contemplar as imagens ouvindo simultaneamente a música *Stabat Mater* de Pergolesi e elaborar um pequeno



texto ou enumerar adjetivos em que descreviam o que estavam sentindo, como por exemplo: qual o tema, que sentimento expressam as figuras, que elementos da composição justificam esses elementos, etc. Em segundo lugar, procedeu-se à leitura do poema de Reinaldo Ferreira, abordando oralmente o seu tema, tipos de sentimentos expressos e que questões coloca.

Assim, todas as obras foram mostradas aos alunos, sem que anteriormente fosse explicado qualquer conceito filosófico ligado à experiência estética, para que pudessem sentir algo perante as mesmas. Escolhemos estas obras porque pensamos serem acessíveis para iniciantes e assim, os alunos, poderiam descrever o que sentiam. Após a sua visualização, os alunos partilharam, em diálogo, o que sentiram e verificámos que as sensações e emoções que expressaram em relação às obras eram de certa forma coincidentes. O objetivo desta atividade era que a noção de experiência estética fosse construída a partir das descrições das obras apresentadas e a partir daí fazer a ligação ao conceito de experiência e juízo estético na tradição filosófica. Esta visualização das imagens e das outras obras permitiu aos alunos familiarizarem-se com os conceitos e eliminar possíveis resistências ao tema abordado e igualmente motivá-los para futuros temas relacionados com a experiência estética.

Como fomos defendendo ao longo da Fundamentação Teórica deste Relatório, que a simples visualização e comentário das imagens por parte dos alunos não se revela suficiente, a professora teve sempre um papel orientador, para que os alunos não se desviassem do objetivo primordial – entender e compreender a experiência e o juízo estético.

Não foi também esquecida a articulação com o texto filosófico, servindo este exercício para a consolidação dos conceitos filosóficos presentes no programa. Assim, recorremos a um excerto presente no manual, que constituiu, como é obvio, um instrumento essencial para o aluno, intitulado: *Quais são as principais características da experiência estética?*.

A utilização das obras de arte como recurso didático nesta aula de filosofia, à luz dos conteúdos programáticos, foi de extrema utilidade levando os alunos à reflexão filosófica neste domínio, fazendo com que a aula tivesse decorrido de forma dinâmica, contribuindo, assim, para a participação ativa dos alunos.

Para concluir, pensamos que a leitura, interpretação e discussão do texto escolhido, beneficiou largamente da prévia visualização das respetivas imagens, leitura do poema e audição da música.

***O jardim das delícias, pintura de Hieronymos Bosch***

***O nascimento de Vénus, pintura de Sandro Botticelli***

***O Três de Maio, pintura de Francisco Goya***

***O tocador de pífaro, pintura de Edouard Manet***

Aula lecionada no dia 12 de abril de 2013 (cf. Anexo 3)

Estas quatro imagens foram utilizadas no âmbito do ponto 2.1. *A experiência estética e o juízo estético (Sensibilidade estética, Teorias acerca do juízo estético: Subjetivismo estético de Kant e Objetivismo estético)*. Nesta aula começámos por abordar um texto intitulado *Sensibilidade e juízo estéticos* de L. Venturi, que não constava do manual, e que aborda de modo bastante elucidativo os conceitos de sensibilidade e juízo estético, servindo assim como introdução para, em seguida, os alunos perceberem melhor o subjetivismo estético de Kant e o objetivismo estético. Servia também para fazer ligação à pintura, já que posteriormente seriam projetadas algumas imagens de pinturas para os alunos visualizarem e comentarem à luz do subjetivismo e objetivismo estético. Como se cita no próprio texto: “Quando uma pintura não deixa o observador indiferente, este reage dizendo: «Gosto» ou «Não gosto». E todos têm o direito de se exprimir assim, qualquer que seja o seu grau de cultura. Na verdade, não se discutem preferências individuais, pois tratam-se de opiniões arbitrárias e subjetivas, que nunca deixam de ter razão, mas que nunca a têm também, porque, para ter razão, é preciso apoiarmo-nos num princípio objetivo.”

Após o debate e comentário do texto com os alunos, procurou-se pôr em prática estes conceitos aplicando-os às imagens projetadas. Tivemos em atenção na seleção das imagens, o facto de estas pertencerem a diferentes épocas e

diferentes movimentos artísticos, para que os alunos ao visualizarem as imagens, consoante as opiniões que se iam formando, emitissem um juízo estético – expressão da apreciação dos objetos em termos de beleza – encaminhando-se uns para a teoria do subjetivismo estético (a beleza depende dos sentimentos de prazer provocados pela contemplação desinteressada do objeto estético), enquanto que outros perante as mesmas pinturas se inclinavam mais para a teoria do objetivismo estético (a beleza depende das propriedades do objeto, independentemente do que sente o observador).

Esta atividade revelou-se muitíssimo eficaz para a aquisição destes conceitos e um dos fatores que em grande parte contribuiu para o seu sucesso foi o facto de os alunos, por serem de uma turma de artes visuais, já terem alguns conhecimentos tanto sobre as obras artísticas, como também do que significa emitir um juízo estético. Conseguiram, por exemplo, compreender que os artistas das obras das épocas do renascimento e seguintes, até ao século XVIII, bem como os historiadores da arte, estavam integrados em movimentos estéticos que os obrigavam a subordinarem as suas criações a um conjunto de regras formais ou *cânones* definidos para cada forma de arte, indo assim mais ao encontro da teoria do objetivismo estético. Por outro lado, obras mais contemporâneas, mais libertas dos *cânones* estabelecidos, tendem para o subjetivismo estético por parte do contemplador, uma vez que o que é valorizado é a criatividade, a capacidade de imaginar novas formas de expressar uma emoção, uma ideia, quase que se poderia dizer que cada criação tem as suas próprias regras.

Como já dissemos anteriormente, toda esta atividade em torno das imagens serviu para abrir novas perspetivas e conceitos que em seguida foram trabalhados com a leitura crítica de textos filosóficos, como foi o caso de excertos da *Crítica da Faculdade de Julgar*, de Kant, presentes no manual.

Finalmente, e para perceber se os objetivos foram atingidos, foi pedido aos alunos que respondessem a um questionário por escrito subordinado ao texto anterior, bem como em relação a alguns conceitos abordados nas aulas. Como se sabe, uma aula de filosofia não pode resumir-se a debates e discussões sobre os mais variados temas, a componente escrita é de extrema importância para que os alunos saibam transmitir e comunicar as suas ideias e conceitos eficazmente. Após a correção do questionário verificámos que os objetivos foram

em grande parte atingidos, constatando que os alunos assimilaram e compreenderam os principais conceitos e conteúdos abordados.

***David*, escultura Miguel Ângelo**

***A Leiteira*, pintura de Johannes Vermeer**

***Bom dia, Senhor Courbet*, pintura de Coubert**

***As meninas de Velázquez*, pintura de Diego Velázquez**

***Autoretrato com sete dedos*, pintura de Marc Chagall**

***Composição em Vermelho, Amarelo, Azul e Preto*, pintura de Mondrian**

***Número 8*, pintura de Jackson Pollock**

***Dom Afonso Henriques*, escultura de João Cutileiro**

**Video: *O meu amigo Mike ao trabalho*, Fernando Lopes.**

Aula lecionada no dia 23 de abril de 2013 (cf. Anexo 4)

Todas estas imagens de obras de arte e vídeo foram utilizadas para a lecionação do conteúdo programático 2.2. *A criação artística e a obra de arte (três teorias) - Arte como imitação (mimesis)*. Mais uma vez, para esta aula recorreremos a imagens de vários movimentos artísticos para introduzir os alunos às Teorias acerca da obra de arte. Apesar de esta aula ser destinada à abordagem e estudo do conceito de criação artística e da primeira Teoria, a *mimesis*, introduzimos de modo resumido as outras duas (*expressivismo* e *formalismo*) para que os alunos as pudessem contrapor, pois pensamos que pela metodologia do contraste e comparação, os conceitos podem ser entendidos de melhor forma.

Assim, introduzimos a primeira teoria, a *mimesis*, utilizando imagens que inequivocamente traduzem o conceito de que a obra de arte é imitação – uma obra é arte quando é produzida pelo ser humano como imitação da Natureza e de uma ação. As imagens selecionadas para este efeito foram: *David*, escultura

Miguel Ângelo, *A Leiteira*, pintura de Johannes Vermeer, *Bom dia, Senhor Courbet*, pintura de Courbet, *As meninas de Velázquez*, pintura de Diego Velázquez. Todas estas obras, como se pode ver em anexo, fazem uma perfeita imitação da natureza ou de ações, quase como se fossem uma fotografia ou espelho. Sem necessitar de grandes explicações, simplesmente pela visualização das imagens selecionadas os alunos entenderam perfeitamente o conceito de *mimesis*.

Para isso, também ajudou o uso de diversas imagens para contrapor com as outras duas teorias: *Autoretrato com sete dedos*, pintura de Marc Chagall *Composição em Vermelho, Amarelo, Azul e Preto*, pintura de Mondrian, *Número 8*, pintura de Jackson Pollock, *Dom Afonso Henriques*, escultura de João Cutileiro. Claramente, quando visualizamos estas imagens ficamos a perceber que não se enquadram na teoria da *mimesis*.

Em seguida, para reforçar melhor esta teoria recorreremos ao texto filosófico de Aristóteles, presente no manual, intitulado: *Em que consiste a teoria da arte como imitação?*. Após discussão e análise do texto, constatámos que os alunos perceberam os conceitos filosóficos aí presentes, e pensamos, mais uma vez, que a utilização e visualização das imagens facilitaram todo este trabalho.

Para terminar, a última atividade desta aula consistiu na visualização de um excerto do filme/documentário subordinado ao tema – a criação artística - intitulado, *O meu amigo Mike ao trabalho*, de Fernando Lopes. O filme envolve-nos em todo o processo criativo: desde a escolha da tela até à simples expectativa do artista a olhar para o quadro à espera que este lhe diga o que fazer. Michael Biberstein é o artista, Fernando Lopes é o realizador. O primeiro expõe a sua forma de criação, enquanto o segundo nos mostra a sua visão dessa mesma forma. O processo criativo de Michael consiste em sobrepor camadas de tinta sobre tela molhada, uma por dia, de forma a que a cor resultante seja sempre uma incógnita ao final de cada dia, e uma surpresa no dia seguinte. Assim, a obra não é apenas parte integrante da criatividade do artista, mas também da própria personalidade do quadro e do ambiente que o rodeia.

Poderíamos escolher outra versão de outro artista, mostrando qual seria a sua posição em relação ao que é a criação artística, mas escolhemos esta, pois

essencialmente a intenção é que ouvissem da voz de um artista plástico o seu próprio processo de criação. Após a sua visualização, debateu-se um pouco o seu conteúdo e os alunos mostraram-se extremamente motivados, e a meu ver, identificaram-se muito com o tema, pois, como já afirmámos, tratava-se de uma turma de Artes Visuais, e à sua maneira, neste contexto, cada aluno é um potencial criador de obras plásticas. Os alunos que intervieram concordavam ou discordavam da opinião do autor, dando eles próprios a sua versão do que significa criar artisticamente. O importante é que apesar de diferentes concepções compreenderam o conceito.

Finalmente, como constará em anexo foi realizada um ficha de trabalho escrita com várias questões formuladas acerca de todos os conceitos abordados nesta aula.

***A dança, pintura de Edvard Munch***

***A dança, pintura de Paula Rego***

***As três idades da mulher, pintura de Gustav Klimt***

***O Grito, pintura de Edvard Munch***

***Composição em Vermelho, Amarelo, Azul e Preto, pintura de Mondrian***

***Ritmo de Outono, pintura de Jackson Pollock***

***Festa Bretanha, pintura de Vieira da Silva***

***Offers, pintura de Michael Biberstein***

Aula lecionada no dia 26 de abril de 2013 (cf. Anexo 5)

Estas obras foram utilizadas para a leção do conteúdo programático 2.2. *A criação artística e a obra de arte (três teorias), Arte como expressão (expressivismo) e a Arte como forma significativa (formalismo)*. Para iniciar a aula, revimos a teoria da *mimesis* e passámos para a seguinte, o *expressivismo*.

Para iniciar a abordagem desta teoria, recorreremos a um excerto presente no manual intitulado *O que é o expressivismo segundo Tolstoi?*, discutido em seguida com os alunos e para exemplificar, como era habitual, foram projetadas imagens que elucidaram os alunos acerca da teoria do expressivismo. As imagens utilizadas foram: *A dança*, pintura de Edvard Munch, *A dança*, pintura de Paula Rego, *As três idades da mulher*, pintura de Gustav Klimt e *O Grito*, pintura de Edvard Munch. Cada imagem foi comentada pelos alunos e mediada pela professora. Os alunos entenderam em que consiste esta teoria chegando à conclusão que sob esta perspectiva, uma obra é considerada arte quando expressa e comunica intencionalmente um sentimento vivido pelo artista, provocando no público esse mesmo sentimento. Após a visualização e comentário das mesmas, recorreremos ao manual para fazer uma síntese das características do *expressivismo*, bem como das objeções a esta teoria.

Posteriormente, passámos para a terceira teoria, o formalismo. À semelhança do caso anterior recorreremos ao uso de um texto no manual intitulado *Em que consiste o formalismo estético*, onde são abordadas as principais características desta teoria. Para exemplificar as suas características usámos as seguintes imagens: *Composição em Vermelho, Amarelo, Azul e Preto*, pintura de Mondrian, *Ritmo de Outono*, pintura de Jackson Pollock, *Festa na Bretanha*, pintura de Vieira da Silva e *Offers*, pintura de Michael Biberstein.

Na nossa opinião, a escolha das respetivas imagens foi pertinente, pois através do diálogo com os alunos constatámos que conseguiram identificar nas mesmas as características do formalismo, em que uma obra de arte é um objeto que provoca emoções estéticas no seu público. A forma significativa é uma característica da estrutura da obra que decorre da relação estabelecida entre as partes que a constituem. Para terminar, recorreremos novamente ao manual para sintetizar a teoria do formalismo estético.

Para concluir, nestas duas aulas que incidiram sobre o estudo das três teorias o uso das imagens revelou-se um elemento motivador e facilitador para o entendimento dos conceitos filosóficos em questão, sempre com uma postura dialogante e orientadora por parte da professora, proporcionando condições para uma participação responsável e atenta dos alunos durante as aulas. Como

sempre não foi esquecida a abordagem e estudo de textos filosóficos, bem como do manual para consolidação dos temas e conceitos abordados.

**O poder da arte – humano mais que humano documentário da BBC (Video)**

[https://www.youtube.com/watch?v=eKfoELZSUrk&index=5&list=PLNKnWRxVD3e32-X2eb7EoWuyOknqt\\_dyL](https://www.youtube.com/watch?v=eKfoELZSUrk&index=5&list=PLNKnWRxVD3e32-X2eb7EoWuyOknqt_dyL)

Aula lecionada no dia 30 de abril de 2013 (cf. Anexo 6)

Nesta aula abordou-se o seguinte conteúdo programático: *2.3. Arte, produção e consumo, comunicação e conhecimento (forma de revelação de novos modos de ver o sujeito e o mundo; linguagem: pluralidade de sentidos da obra de arte)*. No início fizemos uma pequena exposição oral para introduzir o problema do estatuto e valor da arte no mundo atual.

De seguida, para abordarmos o tema da arte como revelação de “novos modos de ver” o sujeito e o mundo, recorreremos novamente ao suporte da imagem, desta vez um documentário da BBC: *O poder da arte – humano mais do que humano*. Pretendia-se que os alunos entendessem que algumas obras de arte nos proporcionam um entendimento mais profundo da natureza e da condição humana, levando-nos a olhar de maneira diferente a realidade. Ora, este documentário revela-nos que a arte tem a capacidade de reorientar o olhar, levando-nos a descobrir que há muitas coisas a que habitualmente não prestamos atenção. Explica de modo eficaz como vemos a representação do corpo ao longo da história da humanidade, em várias culturas e civilizações, ou seja, o que está por trás dele, que aspetos são realçados nas diferentes épocas e com que intenção. A intenção era dar um exemplo aos alunos de como reorientar o seu olhar e descobrir que a arte nos proporciona “novos modos de ver”.

Resumidamente, este documentário mostra como a arte evoluiu, desde a Vênus de Willendorf, datada de 24.000 anos atrás, avançando ao tempo dos Egípcios referindo que a cultura egípcia não mudou o padrão de representar o corpo nas



suas pinturas e esculturas pelo período de 3000 anos. Passa-se para a cultura grega, 700 anos AC, que conseguiu representar perfeitamente o corpo humano na forma de esculturas avançadas, facilitado pelo conhecimento da matemática.

Englobando tudo, desde pinturas rupestres à cerâmica, das pirâmides aos palácios, *O poder da arte*, investiga a tendência global das representações irrealísticas do corpo humano, os poderes secretos do cinema, a forma como os políticos conseguem manipular as pessoas tão facilmente, as visões da morte e da vida no além, e de forma crucial, o porquê de usarmos imagens.

Em relação a esta atividade, depois de visualizar o documentário, como é habitual, procedeu-se a um comentário oral, trocando-se ideias entre alunos e alunos e professora. Pelas suas reações parecem ter percebido as ideias principais e fazer a sua ligação ao conteúdo filosófico: “a arte como revelação de novos modos de ver o mundo”.

Após isto, passámos a analisar e interpretar um texto presente no manual intitulado *O que é o cognitivismo estético?*. A visualização do documentário foi importante para introduzir este tema, mas também motivar para o debate e compreensão deste conceito filosófico. Assim, entenderam que cognitivismo estético é a tese que defende que a arte pode alargar o nosso conhecimento, por representar a diversidade da experiência e influenciar a maneira como olhamos o mundo.

### ***Mas afinal o que é que são os direitos humanos? documentário (Video)***

Aula lecionada no dia 14 de Maio de 2013 (Cf. Anexo 7)

Com a utilização deste documentário pretendemos iniciar o conteúdo programático da *IV Unidade – Temas/Problemas do Mundo Contemporâneo – Direitos Humanos e Globalização*. Num primeiro momento foi introduzido um debate entre os alunos, mediado pela professora, levantando questões sobre os Direitos Humanos: quando surgiu?, em que contexto surgiu?, qual a sua importância?, que direitos conhecem?, etc.

Em seguida, resolvemos mais uma vez recorrer a imagens, neste caso um vídeo/documentário sobre os Direitos Humanos, intitulado – *Mas afinal o que são os Direitos Humanos?* Trata-se de um documentário com apresentação e imagem modernas, com recurso a novas técnicas cinematográficas, que atraiu facilmente a atenção e interesse dos alunos para este tema.

De um modo geral, este documentário aborda a evolução dos Direitos Humanos ao longo da História, passando pelas principais culturas, civilizações, países e épocas. Começa pela Grécia Antiga, passa por Roma, onde é concebida a ideia de Lei Natural, na Idade Média por Inglaterra, França, onde já aparece o conceito de Direitos Naturais, pelos Estados Unidos da América através da sua Constituição até, finalmente, à Declaração Universal dos Direitos do Homem, criada pelas Nações Unidas, extensiva agora a todos os homens. Termina levantando a questão que, apesar de ser universalmente reconhecida, muitos desses direitos no mundo contemporâneo continuam a não ser respeitados em grande parte do mundo, como acontece com o direito à alimentação, à educação, liberdade de expressão, liberdade religiosa, etc.

O comentário foi bastante esclarecedor tendo em conta o *feedback* dado pelos alunos. Num vídeo com cerca de 10 minutos, ficou bem patente o conceito de direitos humanos e os seus constantes avanços e recuos ao longo da história, até aos nossos dias.

Para reforçar as ideias debatidas durante a aula, foi ainda lido e analisado o texto do manual intitulado: *Que significa a expressão «direitos humanos»?* de Leah Levin.

### **Visita de Estudo à Galeria Gomes Alves em Guimarães**

Visita realizada na primeira aula de estágio no dia 05 de abril de 2013. (cf. Anexo 8)

Nesta visita os alunos puderam pôr em prática alguns conceitos relacionados com a *Dimensão Estética*, como por exemplo: a perceção estética, a sensibilidade estética, a atitude estética, entre outros. Durante a visita, em que

a pintora estava presente, fez uma pequena apresentação sua e da obra. No momento final, os alunos tiveram a oportunidade de lhe colocar algumas questões relacionadas quer com as pinturas visualizadas, quer sobre os conceitos relacionados com a *Dimensão Estética*.

**Atividade: A minha Escola adota um Museu, um palácio, um monumento...**

Atividade acompanhada nas aulas nº 8 (02.05.2013) e nº12 (17.05.2013).

A outra atividade consistiu num concurso, *A minha Escola adota um Museu, um palácio, um monumento...*, em que os alunos puderam participar criando uma obra artística em diferentes suportes, tendo escolhido para a tarefa, o Museu Alberto Sampaio de Guimarães.

Esta atividade foi proposta na disciplina de filosofia, 10.º ano, a uma turma do Curso de Artes Visuais. Pareceu-nos pertinente lançar este desafio, uma vez que ao nível da disciplina de filosofia os alunos encontravam-se a estudar a terceira unidade que diz respeito à *Dimensão Estética*, onde são abordados conteúdos diretamente relacionados com este tipo de atividades. Por outro lado, sendo alunos de artes teriam apetências para as atividades propostas no regulamento, além de poderem pôr em prática as técnicas e conhecimentos apreendidos nas disciplinas relacionadas com arte. Além disso, era uma excelente oportunidade para criarem obras que seriam expostas e avaliadas por um júri.

Ao nível dos conteúdos da disciplina de filosofia, foram vários os que foram trazidos para esta atividade. A sensibilidade estética foi sem dúvida um conteúdo que puderam trazer para este trabalho, ou seja, o estado afetivo de agrado e de prazer suscitado pela apropriação subjetiva da obra em questão, seja a sua criação ou a sua contemplação.

Outros temas ou conteúdos do programa de filosofia que se relacionam com esta atividade são as teorias sobre a natureza da obra de arte, a obra de arte como imitação, a obra de arte como expressão e a obra de arte como forma

significante. Com certeza que os alunos tiveram estas teorias presentes quando escolheram a obra que se propuseram recriar.

O tema da criação artística também esteve presente ao considerar conceitos como: a arte como revelação de novos “modos de ver” o sujeito e o mundo; arte como linguagem; a pluralidade de sentidos da obra de arte; a arte como criação. Ainda relativamente a este tema aplicaram conceitos essenciais dentro desta matéria como os de símbolo e polissemia.

Metodologicamente, foram constituídos quatro grupos, com quatro elementos cada, e no final cada grupo apresentava a sua obra que seria exibida em Lisboa, para avaliação de um Júri Nacional (cf. Anexo 9, onde está presente um dos projetos de um dos grupos como exemplo). O projeto e as obras foram realizadas fora das aulas de Filosofia, tendo usado a nível escolar os Ateliês de Arte, servindo unicamente algumas partes de algumas aulas para a orientação e acompanhamento da realização do projeto, nomeadamente os textos que fundamentavam o projeto e as próprias obras desenvolvidas. Apraz-nos dizer que uma das obras de um destes grupos venceu uma Menção Honrosa (cf, Anexo 10).

Para concluir, esta atividade foi, na sua globalidade, de extrema pertinência quer para os alunos, quer para a professora, escola e museu adotado. Conjugaram-se conteúdos do programa de filosofia e das disciplinas de arte, de modo a que os alunos os pudessem pôr em prática com a realização deste trabalho criativo.

### **3.3. Avaliação da Intervenção Pedagógica**

Depois de concluído o estágio pedagógico, olhando para todo este percurso realizado, o balanço final parece-me bastante positivo. Em relação ao Projeto, este pareceu ser bastante interessante e pertinente, principalmente a sua questão levantada, ou seja, se a imagem tem um papel importante no ensino da disciplina de filosofia. E a resposta é positiva, sim, a imagem pode desempenhar um papel essencial para a compreensão de diversos conceitos e conteúdos programáticos. Conscientes do poder e potencialidades da comunicação visual, utilizámo-la de forma estratégica e não de forma massificada, sempre centrada

na promoção qualitativa das imagens. Valorizámos a polissemia de certas mensagens ajudando a desenvolver no aluno a capacidade de observação, o poder de análise, mas também o espírito crítico.

Obviamente que escolha das imagens não se tratou de uma tarefa simples e linear, foi necessário que a sua escolha fosse pertinente e que as imagens se relacionassem com os conceitos abordados, e mais, que fossem um forte contributo para a compreensão desses mesmos conceitos. Uma seleção desadequada das imagens poderia criar bastantes constrangimentos, bem como uma fraca exploração das mesmas na sua ligação aos conceitos estudados, também faria com que se caísse no erro do uso pelo seu simples uso. As imagens em contexto de ensino-aprendizagem, ajudam à memorização, à aprendizagem de conceitos, ao desenvolvimento de competências percetivas e cognitivas. Na sua escolha tivemos também em conta as características dos alunos: o estilo de aprendizagem, o interesse, a motivação, a habilidade verbal e concetual, a experiência e a cultura; bem como os objetivos visados no processo ensino-aprendizagem que envolvem metodologias de apresentação pensadas como imagem.

Quando utilizámos a imagem ao longo das aulas tivemos sempre em consideração, as seguintes questões:

- questões de perceção: as imagens levaram os alunos a usar da parcimónia nas imagens apresentadas (se o que visam é a memorização, a interpretação, a organização dos conteúdos); noutros casos, a introduzir através delas uma ambiguidade intencional (se o que pretendem agora é retirar da surpresa e da perplexidade consequências como o desenvolvimento do espírito crítico ou da criatividade);
- questões de comunicação: partilhar sentidos, fixar significações, cooperar, são atitudes comunicativas que a utilização da linguagem visual proporciona;
- questões de aprendizagem: um elemento de indiscutível importância na dinâmica do processo ensino-aprendizagem. Ao usar a imagem, o professor obriga-se a traduzir a realidade em moldes didáticos. Se a imagem é uma simulação da realidade, isso significa que ela obriga à tradução.

Para apurar se realmente esta metodologia do uso da imagem em diversos contextos e com diversas finalidades no processo de ensino-aprendizagem, não recorremos a um inquérito final aos alunos. Assim, a sua utilidade foi sendo sempre observada ao longo de todas as aulas em que esta foi utilizada, através da observação direta, na dinâmica da aula, nos diálogos e debates estabelecidos entre alunos e professora. Claro que também pudemos avaliar a sua importância através dos resultados obtidos nas várias fichas de trabalho e questionários sobre os conteúdos e conceitos lecionados. Por fim, o instrumento que por excelência comprovou a sua utilidade nas aulas de filosofia foram os resultados alcançados pelos alunos no teste de avaliação em que os resultados foram bastante positivos.

No que diz respeito à minha aprendizagem como estagiária, posso afirmar que foi muito positiva e que este processo fez aumentar as minhas competências e conhecimentos como professora, mas também como mestranda. Obviamente, que como já referi na introdução, não foi um processo de todo fácil, pois só quando estamos no exercício das funções docentes é que nos vamos apercebendo das nossas fragilidades e dificuldades. No entanto, é com essas dificuldades, com os sucessivos avanços e recuos, que vamos melhorando a nossa prática docente; digamos que há um constante ajuste entre as teorias, que adquirimos durante o primeiro ano do mestrado e também durante as disciplinas do segundo ano e a prática docente na sala de aula.

No meu caso em concreto, posso dizer que tendo em conta as dificuldades surgidas tentei sempre superá-las de aula para aula, ouvindo sempre os conselhos, as observações e críticas que me eram apontadas. Ao nível da preparação das aulas também aprendi bastante nomeadamente na elaboração das planificações e, neste ponto, destaco a relação que existe entre a sua execução, o tipo de conteúdos a lecionar e o tipo de público que temos na nossa frente, pois bastaria que os alunos fossem outros para que a planificação, com os mesmos conteúdos programáticos, fosse outra. A escolha dos materiais a utilizar também foi outro dos pontos em que evoluí ao longo de todo o estágio, de modo a que pudessem ser os mais adequados ao tipo de conteúdos e ao tipo de alunos.

Tentei, igualmente, que as aulas fossem motivantes e dinâmicas tentando sempre captar a atenção e interesse dos alunos para os conteúdos estudados, e neste ponto penso que atingi os objetivos propostos. Para isso, obviamente também é necessário criar um clima de confiança, de à vontade, mas também de segurança entre professor e alunos. Estive sempre disponível para qualquer tipo de dúvidas ou constrangimentos que pudessem ocorrer e incentivei sempre a participação dos alunos em todas as aulas, fazendo-os sentir que a aula é para eles e eles é que devem ser os seus principais agentes e intervenientes.

Como referi anteriormente, também senti dificuldades, como por exemplo, algum nervosismo durante algumas aulas, isto mais numa fase inicial, mas foi algo que foi sendo superado com o exercício da prática docente. Penso que melhorei bastante no modo como trabalhei os textos, explorando cada vez melhor os conceitos presentes nos mesmos, dando a devida ênfase para que esses saíssem reforçados.

Este foi um processo e um percurso muito importante para mim e o balanço final é muito positivo. Sinto que evoluí bastante ao longo desse ano e tenho a certeza que, na arte de ensinar, sou diferente daquela pessoa que entrou pela primeira vez em Outubro de 2012 na Escola Secundária Martins Sarmiento.

## Conclusão

Neste Relatório elaborámos uma reflexão detalhada e precisa do Estágio Pedagógico do Mestrado em Ensino da Filosofia no Ensino Secundário. Ao longo deste processo, procurámos em primeiro lugar, fundamentar de forma sustentada a nossa proposta teórica munindo-nos de uma bibliografia variada que permite mostrar que a imagem é um forte recurso a ser usado nas aulas de filosofia, nomeadamente na *Dimensão Estética*, pois contribui de forma decisiva, para a dinamização e a aquisição dos conteúdos programáticos por parte dos alunos.

O Projeto de Intervenção Pedagógica teve um papel importante em todo este processo, permitindo delinear o problema, estabelecer objetivos, e refletir sobre a importância da imagem.

Segundo a experiência vivida no Estágio Pedagógico constatámos que, com o recurso à imagem, os alunos, durante o processo de ensino-aprendizagem conseguiram: desenvolver a sensibilidade estética e competências de leitura crítica das imagens; clarificar e entender os conceitos de experiência estética, atitude estética e de juízo de gosto; compreender a experiência estética como um novo modo de perceber a realidade; reconhecer a arte como uma dimensão essencial do ser humano; refletir sobre o significado da imagem para a compreensão de conteúdos filosóficos; analisar e discutir diferentes teorias e critérios usados para definir a arte e reconhecer a especificidade das linguagens artísticas.

No que diz respeito a outras dimensões deste Estágio podemos afirmar que a relação pedagógica estabelecida com os alunos foi muito positiva, assente no diálogo entre professora e alunos e aberta à partilha e cooperação, proporcionando, assim, um clima favorável ao desenvolvimento afetivo e emocional. Os alunos foram tratados com o máximo respeito, desenvolvendo-se um relacionamento franco, de respeito mútuo.

Da minha parte foram reveladas competências pedagógicas e científicas, atuando sempre com responsabilidade deontológica, nunca esquecendo que a minha missão se deveria centrar no sucesso do processo ensino-aprendizagem. As aulas lecionadas foram sempre preparadas com a devida antecedência para que fossem pautadas pelo rigor e pela precisão dos termos conceituais e



vocabulares, mostrando conhecimento no seu uso. Deste modo, o processo de planificação, programação, avaliação foi importante porque permitiu a correta adequação dos meios, evitando possíveis improvisações que prejudicam o processo educativo.

O estágio pedagógico possibilitou a problematização de variados conteúdos, estratégias e recursos refletindo de forma aprofundada o programa oficial de filosofia.

Pelo exposto, o estágio pedagógico constituiu-se como uma etapa importante de aprendizagem e implementação dos conhecimentos adquiridos ao longo de todo o percurso acadêmico, em que foram adquiridos e consolidados conhecimentos e competências. Todo o trabalho desenvolvido revelou-se extremamente positivo, contribuindo sem qualquer dúvida para o meu crescimento pessoal e profissional.

## **Bibliografia**

- ADORNO, T. (1993). *Teoria Estética*. Lisboa: Edições 70.
- AUMONT, J. (1993). *A Imagem*. Campinas: Papirus.
- AA VV (2007). *Pensar Azul, Filosofia - 10º ano* (revisão Científica de Carlos João Correia). Lisboa: Texto Editores.
- CARCHIA, G.; D'ANGELO, P. (Dir.) (2009). *Dicionário de Estética*. Lisboa: Edições 70.
- CALADO, I. (1994). *A utilização educativa das imagens*. Porto: Porto Editora.
- CARVALHO, A. (2004). *Estética e teoria da arte*. Porto: Estratégias Criativas.
- DELEUZE, G. (2005). *A imagem-Tempo*. São Paulo, Editora Brasiliense.
- GRAHAM, G. (2001). *Filosofia da Artes, Introdução à Estética*. Lisboa: Edições 70.
- GUERRA, M. A. S. (1984). *Imagen y Educación*. Madrid: Ediciones Anaya.
- HENRIQUES, F. et alii (2001). *Programa de Filosofia*. Lisboa: Ministério da Educação.
- HUISMAN, D. (2000). *A Estética*. Lisboa: Edições 70.
- JACQUINOT-DELAUNAY (2006). *Imagem e Pedagogia*. Mangualde: Pedagogo.
- JOLY, M. (2012). *Introdução à análise da imagem*. Lisboa: Edições 70.
- LAROUSSE (2009). *Enciclopédia Moderna*. Volume 10 - H-J. Lisboa: Círculo de Leitores.
- KLEIN, A. (2005). Imagem: arqueologia e conceito. *Significação – Revista de Cultura Audiovisual*. Vol. 32, nº 23, p. 186.
- LENCASTRE, J. A.; CHAVES, J. A. (2003). Ensinar pela imagem. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía y Educación*. Vol. 10, nº 8, p. 2101.
- MANSO, A. (2008). *Para uma Educação Estética*. Porto: Marânus.

- MANSO, A.; MARTINS, C. (org.) (2016). *Ensino da filosofia em Portugal. Tradição e actualidade da formação*. V. N. Famalicão: Húmus.
- MARTIN, J. (1994). *Introdução à Análise da Imagem*. Lisboa: Edições 70.
- MORAES, F. (2007). Teoria e Estética em Aristóteles. *Viso – Cadernos de Estética Aplicada*. Nº 2, 17-27.
- MORENO, R. (2010). *Educational Psychology*, Hoboken, Wiley.
- PONTY, M. (1992). *O olho e o espírito*. Lisboa: Vega.
- RANCIÈRE, J. (2011). *O destino das imagens*. Lisboa: Orfeu Negro.
- READ, H. (2007). *Educação pela Arte*. Lisboa: Edições 70.
- SARAIVA, M. (1999). Imagem. In *Logos, Enciclopédia Luso Brasileira de Filosofia*, vol. 2. Lisboa/São Paulo: Verbo, pp. 1328-1330.
- ZAMUDIO, J. (1998). *Imagen y Pedagogía*. Mexico: Didáctica de los medios de comunicación, PRONAP.

## **Anexos**

### **Anexo 1**

**UNIVERSIDADE DO MINHO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

#### **Plano de Intervenção Pedagógica**

O papel e a importância da imagem no ensino da Filosofia

FILIPA CATARINA PEREIRA DA SILVA

Orientador cooperante: Dr. Carlos Félix

Supervisora: Doutora Custódia Martins

Local: Escola Secundária Martins Sarmento

Curso de Mestrado em Ensino da Filosofia no Ensino Secundário

Braga, Dezembro de 2012

## INDICE

<b>1. Enquadramento contextual e teórico</b> .....	2
1.1 Caraterização da escola .....	2
1.1.1 Recursos físicos .....	2
1.1.2 População escolar – alunos .....	2
1.1.2.1 Aproveitamento escolar dos alunos .....	2
1.1.3 Pessoal docente .....	3
1.2 Caraterização da turma .....	3
<b>2. Unidade temática e objetivos</b> .....	4
2.1 - Sub-Unidade escolhida para lecionação pelo estagiário	
2.2 Objetivos gerais .....	4
2.3 Objetivos específicos .....	4
<b>3. Metodologia</b> .....	4
3.1 Recursos utilizados .....	4
<b>4. Calendarização</b> .....	5
<b>5. Questões a investigar</b> .....	5
5.1 O tema .....	5
5.2 Justificação .....	5
<b>6. Objetivos e finalidades das questões de investigação</b> .....	7
6.1 Objetivos gerais .....	7
6.2 Objetivos específicos .....	7
6.3 Finalidades .....	7
<b>Bibliografia</b> .....	8

## **1 – ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL E TEÓRICO**

### **1.1 – Caracterização da Escola**

A Escola Secundária Martins Sarmiento tem a sua remonta origem em 1891 tendo tido várias designações ao longo dos tempos e o seu patrono é o célebre arqueólogo vimaranense Francisco Martins Sarmiento. Situa-se no centro de Guimarães e serve a população do mesmo centro, bem como alguma população estudantil de freguesias mais periféricas.

#### **1.1.1 – Recursos Físicos**

Em termos físicos, a escola está implantada numa vasta área de terreno com cerca de 24.000 m<sup>2</sup>, cuja área de logradouro possui a dimensão de 19.850 m<sup>2</sup> e encontra-se circundada por uma vedação totalmente renovada como medida de segurança. A área coberta da escola possui uma dimensão considerável que totaliza 4.200 m<sup>2</sup> e apresenta características muito próprias, desde a sua fachada até aos seus jardins. No ano letivo de 2011/2012 foi objeto de uma intensa remodelação, tendo sido dotada de condições e instrumentos, tornando-se numa escola bastante modernizada que vem ao encontro das necessidades educativas atuais.

#### **1.1.2 – População escolar – Alunos**

Segundo o Projeto Educativo, a população discente é muito heterogénea, pressupondo, por conseguinte, práticas educativas e estratégias diversificadas com graus de adaptabilidade e flexibilidade por parte dos professores. No momento presente, apenas ministra o ensino secundário, funcionando em regime diurno, com 50 turmas e 1198 alunos. A escola encontra-se sobrelotada, possui uma capacidade de ocupação estimada para 850 alunos

Quanto à oferta educativa, a escola oferece Cursos Científico Humanísticos: Artes Visuais, Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas, Línguas e Humanidades; Cursos Profissionais e Educação e Formação de Adultos.

#### **1.1.3 - Aproveitamento escolar dos alunos**

As taxas de transição/conclusão do ensino secundário são elevadas. No ano letivo 2006/2007, as taxas de transição/conclusão, no 10.º, 11.º e 12.º anos de

escolaridade dos cursos Científico-Humanísticos/Gerais, situaram-se nos 87,2%, 81,7% e 81,4%, respetivamente. Nos cursos Tecnológicos, as taxas de transição nos 10<sup>o</sup>,

11<sup>o</sup> e 12.<sup>o</sup> anos, reportadas ao ano letivo 2006/2007, situam-se nos 93,1%, 93,9% e 94,9% respetivamente.

Tendo ainda como base os dados fornecidos pelo documento “perfil de escola” e comparando os resultados obtidos nas classificações internas e as obtidas nos exames nacionais do 12.<sup>o</sup> ano de escolaridade, verificamos que, no ano letivo 2005, os alunos obtiveram médias de exame mais altas que as médias nacionais nas disciplinas de Português e Matemática (0,4 e 0,9, respetivamente) e mais baixas (0,4) que a média nacional na disciplina de História.

### **1.1.3 – Pessoal Docente**

O quadro docente, segundo o Projeto Educativo, é constituído por 35 professores Titulares; 62 professores do Quadro de Escola; 21 professores Contratados, o que perfaz um total de 118 docentes. Estamos perante um quadro docente estável, com bastantes anos de experiência pedagógica e científica, que garante uma estabilidade e continuidade pedagógicas, fundamentais para o sucesso educativo.

### **1.2 – Caracterização da turma**

Os alunos com quem estamos a trabalhar no estágio profissional constituem a Turma AV1 do 10<sup>o</sup> Ano, do Curso de Artes Visuais. Trata-se de uma turma constituída por 24 alunos, 10 de sexo masculino e 14 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos de idade.

Tendo em conta as observações já efetuadas e pela caracterização dada pelo Orientador Cooperante, a turma revela um significativo interesse pela disciplina de Filosofia, bem como pelas temáticas até agora abordadas. O seu comportamento no geral é bastante bom e é uma turma muito assídua e pontual.

## **2. UNIDADE TEMÁTICA E OBJETIVOS**

### **2.1 - Sub-Unidade escolhida para lecionação pelo estagiário**

III – Dimensões da ação humana e dos valores

2. A dimensão estética – análise e compreensão da experiência estética

### **2.2 – Objetivos gerais**

- Reconhecer a filosofia como um espaço de reflexão interdisciplinar.
- Adquirir as principais áreas e problemas da filosofia.
- Reconhecer distintos sistemas de valores e diferentes paradigmas de valoração.
- Iniciar à leitura crítica da linguagem icónica (BD, pintura, fotografia) e audiovisual (cinema, televisão), tendo por base instrumentos de descodificação e análise.

### **2.3 – Objetivos específicos**

- Desenvolver a sensibilidade estética e competências de leitura crítica das imagens.
- Clarificar os conceitos de experiência/atitude estética e de juízo de gosto.
- Compreender a experiência estética como um novo modo de perceber a realidade.
- Reconhecer a arte como uma dimensão essencial do ser humano.
- Refletir sobre o significado da arte e da criação artística.
- Compreender a natureza da obra de arte.
- Analisar e discutir diferentes teorias e critérios usados para definir a arte.
- Reconhecer a especificidade das linguagens artísticas.

## **3. METODOLOGIA**

### **3.1 – Recursos Utilizados**

Para a lecionação dos conteúdos procuraremos servir-nos do manual escolar como principal elemento base, através do qual iremos trabalhar com os alunos os temas propostos.



A partir do manual será sempre estabelecido o método dialógico recorrendo sempre ao método da pergunta resposta. Isto para que os alunos desenvolvam o método do questionamento filosófico e consigam argumentar devidamente o seu ponto de vista quer de forma oral quer de forma escrita.

Exploraremos igualmente outros materiais que forem pertinentes para a exploração dos conteúdos e conceitos que iremos abordar, de modo a tornar as aulas mais dinâmica e motivantes para os alunos de modo a que facilitem a sua aprendizagem, como por exemplo: inquéritos, quadro, cadernos, PowerPoint, filmes, documentários, músicas, textos, manual, fotocópias, fichas de leitura, fichas de trabalho, entre outros.

#### **4 – CALENDARIZAÇÃO**

O estágio decorrerá em três fases:

I – Observação de aulas lecionadas pelo docente orientador cooperante (de Outubro a Março).

II – Implementação dos instrumentos de intervenção pedagógica na leção de aulas (de Março a Maio).

III – Recolha, análise e avaliação da informação obtida e elaboração do relatório (de Março a Junho).

As fases de observação e leção de aulas desenvolver-se-ão em 10 blocos de 90 minutos.

#### **5 – QUESTÃO A INVESTIGAR**

##### **5.1 – Tema da investigação**

“O papel e a importância da Imagem no ensino da filosofia”.

##### **5.2 – Justificação do Tema**

Tendo em conta esta necessidade e este pressuposto o tema “O papel e a importância da Imagem do ensino da Filosofia”, julgamos que esta investigação e plano de intervenção parece adequar-se a este nível de ensino e ao Programa

de Filosofia do 10º e 11º Anos do Ensino Secundário e inclusivamente à natureza da própria turma, uma vez que estes são do Curso de Artes Visuais, curso este em que a imagem tem um papel central.

O tema por sua vez também adquire um significado especial e central na sociedade em que nós e os alunos estamos inseridos, já que cada vez mais lidamos e somos invadidos por todo tipo de imagens e que muitas vezes são construtoras dos mais diversos significados que medeiam a nossa relação com o mundo. Daí ser importante questionar os alunos acerca do seu papel para que estes por sua vez possam refletir sobre o seu significado, adquirindo uma consciência crítica e contextualizada nas nossas vidas e realidade.

Por outro lado, o tema da investigação adequa-se perfeitamente aos conteúdos que serão abordados e lecionados nas nossas aulas já que a unidade escolhida é a “Dimensão estética – análise e compreensão”, onde mais uma vez a imagem, dentro desta dimensão, ocupa um espaço primordial. É o próprio Programa de Filosofia do 10º e 11º Anos, dentro desta linha, que chama atenção para a necessidade de o estudante de Filosofia adquirir “meios adequados ao desenvolvimento de uma sensibilidade cultural e estética, contribuindo para a compreensão da riqueza da diversidade cultural e da arte como meio de realização pessoal, como expressão da identidade cultural dos povos e como reveladora do sentido da existência.”

Por fim, não pretendemos, dentro do próprio âmbito da disciplina de Filosofia, limitar e esgotar o tema da nossa investigação à referida unidade da “Dimensão estética - análise e compreensão”, mas, sim, estender e alargar a sua reflexão e estudo a todo o manual de Filosofia. Como sabemos, os manuais desta disciplina são de modo bastante extenso acompanhados dos mais variados tipos de imagens, com o papel de ilustrar e ligar os temas filosóficos em si com essas mesmas imagens, criando assim uma espécie de intertextualidade e inter-relação entre filosofia, arte, fotografia, eventos, símbolos, entre outros. Interessamo-nos neste sentido averiguar de que modo a comunidade escolar (principalmente alunos e professores) entende esta relação entre Filosofia e imagem no ensino da disciplina de Filosofia, e principalmente a utilidade, pertinência e contributos que essas imagens podem fornecer à compreensão das competências e dos conteúdos filosóficos.

## **6 – OBJETIVOS E FINALIDADES DA QUESTÃO DA INVESTIGAÇÃO**

### **6.1 – Objetivos gerais**

- Avaliar o papel que a imagem tem no ensino da Filosofia no Ensino Secundário
- Desenvolver metodologias de trabalho em sala de aula a partir do uso da imagem
- Avaliar a pertinência das imagens usadas no manual escolar adotado.

### **6.2 – Objetivos específicos**

- Entender de que forma o uso das imagens em Filosofia contribuem para a aquisição dos conteúdos filosóficos propostos
- Avaliar a adequação das imagens aos conteúdos e conceitos a elas referentes
- Desenvolver novas metodologias de aproveitamento das imagens fornecidos pelo manual
- Promover o interesse dos alunos pelas questões da história da filosofia
- Avaliar a pertinência das imagens no domínio da “Dimensão Estética”

### **6.3 – Finalidades**

Principais finalidades do projeto pedagógico centram-se na problematização da “Dimensão Estética” no Programa de Filosofia do 10º Ano, bem como o papel e importância das imagens no ensino da filosofia.

Como se sabe os manuais de filosofia recorrem de um modo bastante extensivo ao uso de imagens para que estas ilustrem ou exemplifiquem os conteúdos tratados. Pensamos que estas imagens são usadas de modo pertinente e que ajudam os alunos a compreenderem melhor os conteúdos e conceitos filosóficos e que relacionam as ideias filosóficas com outras áreas do conhecimento, levando o aluno a perceber que a atividade filosófica se estende a todas as áreas da vida, da realidade e do mundo e não se trata de uma mera disciplina escolar desligada de tudo e que só interessa para transitar de ano. É com esta finalidade que este Projeto de Intervenção Pedagógica será desenvolvido.

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Maria Manuela Bastos de (Coord.) (2001). *Programa de Filosofia do 10º e 11º Anos – Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento do Ensino Secundário.

ALTET, Marguerite (1999). *As Pedagogias da Aprendizagem*. Lisboa: Instituto Piaget.

BOAVIDA, João (2010) – *Educação Filosófica*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

HUYGHE, René (2009). *O Poder da Imagem*. Lisboa: Edições 70.

JANSON, H. W. (1979). *A Nova História da Arte*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

PACHECO, José Augusto (2005). *Estudos Curriculares – Para a Compreensão Crítica da Educação*. Porto: Porto Editora.

Lei nº 46/86, de 14 de Outubro (Lei de Bases do Sistema Educativo).

A Supervisora

\_\_\_\_\_  
(Doutora Custódia Martins)

A estagiária

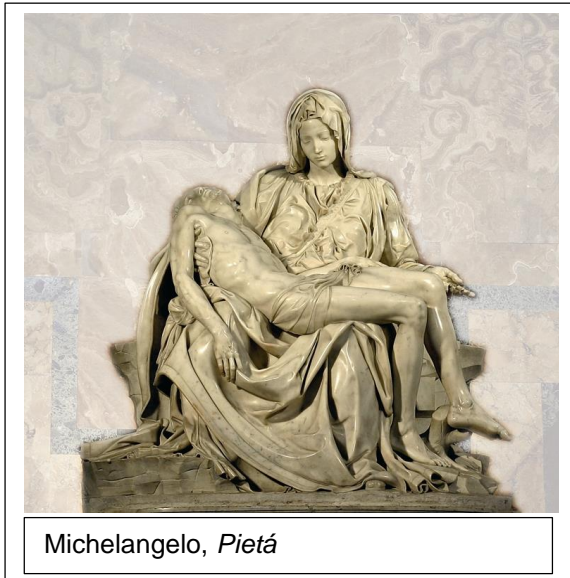
\_\_\_\_\_  
(Filipa Catarina Pereira da Silva)

Anexo 2

III Unidade – DIMENSÕES DA AÇÃO HUMANA E DOS VALORES: 10 aulas				
Aula nº 2 (09.04.2013) – Unidade III, subunidade 2				
Sumário: A experiência estética e atitude estética. Visualização de imagens, audição de uma música e leitura de um poema. Leitura e análise de um texto sobre a experiência estética. Resposta a um questionário.				
Competências	Conteúdos	Estratégias	Métodos e Recursos	Tempo
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver no aluno a sensibilidade estética.</li> <li>- Adquirir competências de leitura crítica da linguagem icônica.</li> <li>- Conhecer meios de expressão artística, como por exemplo a pintura, a música a literatura.</li> </ul>	<p><b>2. A dimensão estética – análise e compreensão da experiência estética</b></p> <p><b>2.1. A experiência estética</b></p> <p>2.1.1. Caracterização da experiência e da atitude estética.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Breve diálogo sobre a visita de estudo realizada na aula anterior à Galeria Gomes Alves. Reação dos alunos à mesma visita.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Manual</li> <li>- Computador</li> <li>- Internet</li> <li>- Projetor</li> <li>- Caderno</li> <li>- Fichas de trabalho</li> <li>- Imagens</li> <li>- Músicas</li> <li>- Poema</li> </ul>	5 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Visualização de algumas imagens da “Pietà”, uma música “Sabat Mater” de Pergolesi e um poema “Pietà” de Reinaldo Ferreira para que os alunos se introduzam na questão da experiência estética. O que é uma experiência estética?</li> </ul>		20 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura, análise e interpretação do texto “Quais são as principais características da experiência estética?” de Dabnay Townsewnd, presente no manual “Pensar Azul” (pág, 192).</li> </ul>		20 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sistematização e síntese dos principais conceitos e conteúdos abordados relativamente à experiência estética. Será utilizado um PowerPoint e projetado aos alunos.</li> </ul>		15 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Resposta a um questionário dirigido elaborado pela professora estagiária relativo à visita de estudo à Galeria Gomes Alves relacionando-a com alguns conceitos abordados durante a aula.</li> </ul>		20 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Feedback</i> dos alunos em relação aos conteúdos</li> </ul>		10 m

		abordados ao longo da aula. Verificação das presenças e elaboração do sumário.		
--	--	--	--	--

Imagens utilizadas nesta aula:



Anexo 3

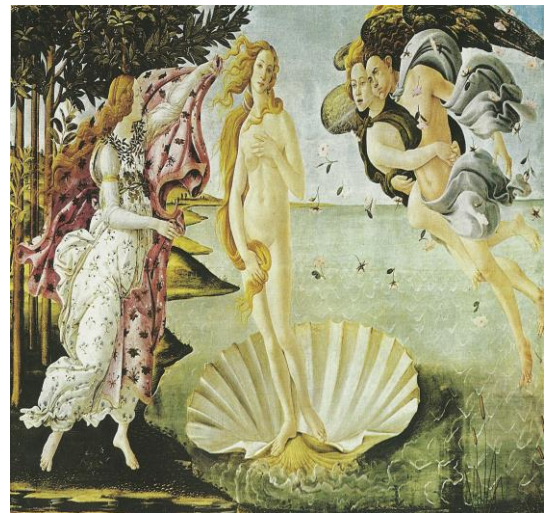
III Unidade – DIMENSÕES DA AÇÃO HUMANA E DOS VALORES: 10 aulas				
Aula nº 3 (12.04.2013) – Unidade III, subunidade 2				
Sumário: Revisão dos conteúdos na aula anterior. A sensibilidade estética. Teorias acerca do juízo estético: o subjetivismo estético de Kant. Realização de uma Ficha de Trabalho.				
Competências	Conteúdos	Estratégias	Métodos e Recursos	Tempo
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver no aluno a sensibilidade estética.</li> <li>- Saber clarificar os conceitos de experiência/atitude e estética e de juízo de gosto.</li> <li>- Reconhecer a subjetividade da experiência e da emoção estéticas e do juízo de gosto.</li> <li>- Tomar consciência da educabilidade da sensibilidade estética.</li> </ul>	<p><b>2. A dimensão estética – análise e compreensão da experiência estética</b></p> <p><b>2.1. A experiência estética e o juízo estético.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Sensibilidade estética</li> <li>- Teorias acerca do juízo estético                             <ul style="list-style-type: none"> <li>- Subjetivismo estético de Kant</li> <li>- Objetivismo estético</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Será inicialmente pedido aos alunos que passem os sumários das aulas anteriores.</li> <li>Revisão dos conteúdos da aula anterior: experiência estética e atitude estética.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Manual</li> <li>- Computador</li> <li>- Internet</li> <li>- Projetor</li> <li>- Caderno</li> <li>- Fichas de trabalho</li> <li>- Imagens</li> </ul>	10 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Breve introdução ao conceito de <i>sensibilidade estética</i> sempre em constante diálogo com os alunos.</li> </ul>		10 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura análise e interpretação do texto: “Sensibilidade e juízo estéticos” de L. Venturi, <i>Para Compreender a Pintura</i>.</li> </ul>		15 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Projeção de algumas imagens para que os alunos os analisem e emitam juízo estéticos, ideias, sensações sobre os mesmos. Serão usados recursos que suscitem neles diferentes gostos, juízos estéticos.</li> </ul>		10 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- A partir da atividade anterior, a professora pedirá aos alunos para abrir o manual “Pensar Azul” nas páginas 180 e 181 para abordar com eles o juízo estético e o subjetivismo estético de Kant.</li> </ul>		15 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Resposta a uma “Ficha de Trabalho” com questionário dirigido entregue pela professora subordinado ao texto anterior bem como em relação a alguns</li> </ul>		10 m

		<p>conceitos abordados na aula anterior.</p> <p>- Correção da “Ficha de Trabalho”. A professora pedirá a vários alunos para lerem algumas respostas para verificar a aquisição dos conhecimentos por parte dos alunos e tirar as dúvidas que existirem.</p> <p>- <i>Feedback</i> dos alunos em relação aos conteúdos abordados ao longo da aula. Verificação das presenças e elaboração do sumário.</p>	<p>10 m</p> <p>10 m</p>
--	--	---	-------------------------

**Imagens utilizadas nesta aula:**



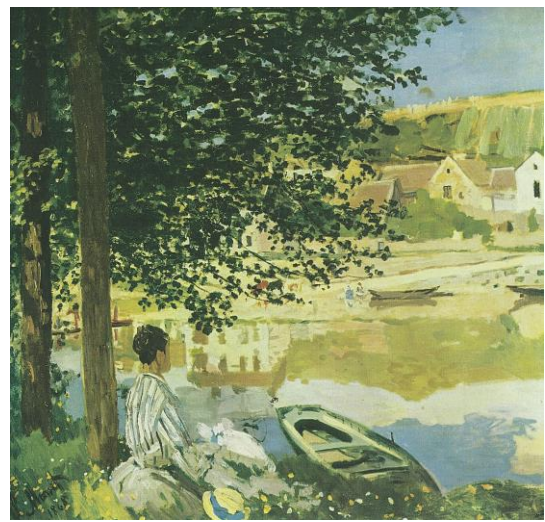
Hieronymos Bosch, *O Jardim das Delícias*



Boticelli, *O nascimento de Venus*



Francisco Goya, *O três de Maio*



Eduard Manet, *O tocador de pífaro*



Anexo 4

III Unidade – DIMENSÕES DA AÇÃO HUMANA E DOS VALORES: 10 aulas				
Aula nº 5 (23.04.2013) – Unidade III, subunidade 2				
Sumário: O que é a arte. Teorias acerca da natureza da arte: arte como <i>mimesis</i>				
Competências	Conteúdos	Estratégias	Métodos e Recursos	Tempo
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Entender o que é arte.</li> <li>- Compreender o que significa o conceito de estética.</li> <li>- Saber que existem várias teorias acerca da natureza da obra de arte.</li> <li>- Compreender o valor artísticos de várias imagens quadros.</li> </ul>	<p><b>2. A dimensão estética – análise e compreensão da experiência estética</b></p> <p><b>2.2. A criação artística e a obra de arte (três teorias)</b></p> <p>- Arte como imitação (<i>mimesis</i>)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Elaboração do sumário da aula anterior e discussão da data do teste.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Manual</li> <li>- Computador</li> <li>- Internet</li> <li>- Projetor</li> <li>- Caderno</li> <li>- Fichas de trabalho</li> <li>- Imagens</li> </ul>	5 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Introdução do conceito de estética.</li> </ul>		10 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Introdução geral ao conceito de arte e as várias teorias acerca da natureza da arte: breve definição de cada uma das três teorias: teoria da imitação, teoria da expressão e teoria formalista. Esta breve definição será acompanhada de imagens que exemplifiquem o conceito.</li> </ul>		15 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Primeira teoria: a arte como imitação. O professor através de várias imagens explica em que consiste esta teoria, usando para o efeito a visualização de várias imagens para serem discutidas.</li> </ul>		20 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura, análise e interpretação do texto complementar 1 “Em que consiste a teoria da arte como imitação” de Aristóteles, do manual <i>Pensar Azul</i> (p. 203).</li> </ul>		15 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Visualização de um excerto do filme “<i>O meu amigo Mike ao trabalho</i>, Fernando Lopes”.</li> </ul>		15 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li><i>Feedback</i> dos alunos em relação aos conteúdos abordados ao longo da aula. Elaboração do sumário.</li> </ul>		10 m



Michelangelo, *David*



Vermeer, *A leiteira*



Courbet, *Bom dia, Senhor Courbet*



Velásques, *As meninas de Velázquez*



**Escola Secundária Martins Sarmiento**  
**Ano letivo 2012/2013**  
**Filosofia 10.º Ano Turma AV1**

Nome: \_\_\_\_\_ N.º \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Através deste documentário, que vais ver sobre o pintor Michael Biberstein, poderás refletir um pouco sobre o que entende por acto criativo, processo criativo e também, de certo modo, o que é para ele a pintura.**

**Assim, depois de o visionar, responde às seguintes questões.**

1. A entrevistadora a certo momento pergunta-lhe se, neste processo de ser filmado enquanto criava, programou ou pensou antes de começar a pintar. O que responde?

---

---

---

---

2. Para o pintor o acto de criar é um acto solitário ou não?

---

---

---

---

3. A dado momento o pintor afirma: “Entro num estado um bocadinho diferente”. Julgas que esta afirmação poderá estar relacionada com o processo criativo? Dá a tua opinião.

---

---

---

---

---

---

4. Tendo em conta o documentário que visionaste sobre a criação artística e, de certo modo, sobre o que é para este pintor a conceção de arte e o que estudaste nesta aula

sobre a “arte como imitação da natureza e das ações (*mimesis*)”, pensas que ambas as visões se aproximam ou afastam. Justifica.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

5. No decorrer da entrevista, a entrevistadora compara o acto criativo com uma “viagem”. Também o pintor compara a pintura (como acto criativo) a um “caminho” em que afirma: “Nunca se sabe qual vai ser o próximo passo, ainda que vejas a meta onde chegar (...) a meta é um sentimento, emoção quando olhamos para a pintura”. Como aluno de Artes Visuais, quando pintas ou crias, identificas-te com esta imagem/ideia do processo criativo como uma “viagem”. Dá a tua opinião.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**Bom Trabalho!**

Anexo 5

<b>III Unidade – DIMENSÕES DA AÇÃO HUMANA E DOS VALORES: 10 aulas</b>				
<b>Aula nº 6 (26.04.2013) – Unidade III, subunidade 2</b>				
<b>Sumário:</b> Teorias acerca da natureza da arte: arte como expressão (expressivismo) e arte como forma significativa (formalismo).				
<b>Competências</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Estratégias</b>	<b>Métodos e Recursos</b>	<b>Tempo</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Entender o que é arte.</li> <li>- Compreender o que significa o conceito de estética.</li> <li>- Saber que existem várias teorias acerca da natureza da obra de arte.</li> <li>- Compreender o valor artístico de várias imagens, pinturas que se relacionem com as teorias sobre a criação artística e a obra de arte.</li> </ul>	<p><b>2. A dimensão estética – análise e compreensão da experiência estética</b></p> <p><b>2.2. A criação artística e a obra de arte (três teorias)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Arte como expressão (expressivismo)</li> <li>- Arte como forma significativa (formalismo)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Elaboração do sumário da aula anterior e da presente aula e discussão da data do teste.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Manual</li> <li>- Computador</li> <li>- Internet</li> <li>- Projetor</li> <li>- Caderno</li> <li>- Fichas de trabalho</li> <li>- Imagens</li> </ul>	5 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Introdução à teoria da arte como expressão: leitura análise do texto “O que é o expressivismo segundo Tolstoi?”, do manual <i>Pensar Azul</i> (p. 203).</li> </ul>		10 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Visualização de algumas imagens relativas ao expressivismo e comentário das mesmas com a participação dos alunos.</li> </ul>		15 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Síntese das características do expressivismo através do uso do manual, bem como o estudo das objeções a esta teoria.</li> </ul>		10 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura, análise e interpretação do texto “Em que consiste o formalismo estético”, do manual <i>Pensar Azul</i> (p. 204).</li> </ul>		10 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Visualização de imagens que se enquadram na teoria da arte como forma significativa (formalismo) e comentário das mesmas.</li> </ul>		15 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Síntese das características do formalismo através do uso do manual, bem como o estudo das objeções a esta teoria.</li> </ul>		10 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Explicação e definição do conceito de “conceito aberto”.</li> </ul>		5 m

		- <i>Feedback</i> dos alunos em relação aos conteúdos abordados ao longo da aula. Divulgação e explicação do concurso “A escola adota um Museu”.		10 m
--	--	---	--	------

Imagens utilizadas nesta aula:

Expressivismo:



Edvard Munch, *A Dança*



Paula Rego, *A Dança*

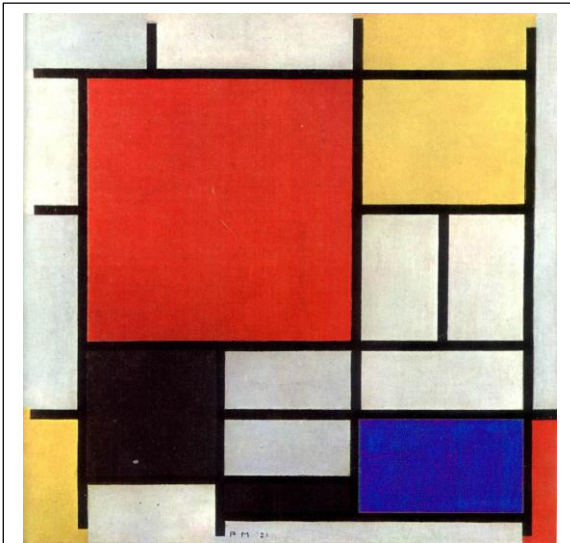


Klint, *As três idades da mulher*



Edvard Munch, *O Grito*

## Formalismo



Mondrian, *Composição em Vermelho, Azul e Preto*



Pollock, *Número 8*



Vieira da Silva, *Festa Bretanha*



Michael Biberstein, *Offers*

Anexo 6

III Unidade – DIMENSÕES DA AÇÃO HUMANA E DOS VALORES: 10 aulas				
Aula nº 7 (30.04.2013) – Unidade III, subunidade 2				
Sumário: O conceito de “conceito aberto”. A multidimensionalidade da obra de arte: revelação de “novos modos” de “ver” o sujeito e mundo; arte como linguagem – pluralidade de sentidos e a obra de arte.				
Competências	Conteúdos	Estratégias	Métodos e Recursos	Tempo
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Analisar diferentes modos de conceber a arte.</li> <li>- Compreender a multidimensionalidade da obra de arte.</li> <li>- Reconhecer a especificidade das linguagens artísticas.</li> <li>- Analisar e discutir as diferentes teorias e critérios usados para definir a arte.</li> </ul>	<p><b>2. A dimensão estética – análise e compreensão da experiência estética</b></p> <p><b>2.3. Arte, produção e consumo, comunicação e conhecimento. A multidimensionalidade da obra de arte como:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- forma de revelação de novos modos de ver o sujeito e o mundo.</li> <li>- linguagem: pluralidade de sentidos da obra de arte.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Elaboração do sumário.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Manual</li> <li>- Computador</li> <li>- Internet</li> <li>- Projetor</li> <li>- Caderno</li> <li>- Fichas de trabalho</li> <li>- Imagens</li> </ul>	3 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Explicação do Conceito Aberto.</li> </ul>		7 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Introdução ao problema do estatuto e valor da arte no mundo atual.</li> </ul>		10 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- A arte como revelação de “novos modos de ver” o sujeito e o mundo. Dentro da exploração deste tema será visionado um excerto de um documentário intitulado “O poder da arte” da BBC.</li> </ul>		20 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura e interpretação de um texto subordinado ao conceito Cognitivismo estético, retirado da obra “Filosofia das artes” de Gordon Graham.</li> </ul>		10 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sistematização e síntese do conceito de Cognitivismo estético.</li> </ul>		5 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura de um texto intitulado “Que tipo de linguagem é arte?” retirado do manual <i>Pensar Azul</i>, página 216, no âmbito do tema: A arte como linguagem – pluralidade de sentidos de sentidos da obra de arte.</li> </ul>		10 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estudo os conceitos de símbolo e polissemia.</li> </ul>		15 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Feedback</i> dos alunos em relação aos conteúdos abordados ao longo da aula.</li> </ul>		10 m



Anexo 7

III Unidade – DIMENSÕES DA AÇÃO HUMANA E DOS VALORES: 10 aulas				
Aula nº 11 (14.05.2013) – Unidade IV				
Sumário: Estudo do conceito de globalização. Introdução aos Direitos humanos: visualização de um vídeo e leitura e análise de um texto.				
Competências	Conteúdos	Estratégias	Métodos e Recursos	Tempo
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ter capacidade de integrar vários saberes.</li> <li>- Desenvolver a capacidade de problematização de temas do mundo contemporâneo.</li> <li>- Refletir sobre problemas do mundo contemporâneo numa perspetiva interdisciplinar.</li> <li>- Assumir a sua responsabilidade pessoal e social.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Clarificação do conceito de globalização.</li> <li>- Clarificação do conceito de Direitos Humanos.</li> <li>- Valores consagrados na Declaração dos Direitos Humanos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Elaboração do sumário.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Manual</li> <li>- Computador</li> <li>- Internet</li> <li>- Projetor</li> <li>- Caderno</li> <li>- Fichas de trabalho</li> <li>- Imagens</li> </ul>	5 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Debate introdutório entre professora e alunos sobre o que significa globalização, bem como os seus aspetos positivos e negativos.</li> </ul>		20 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Explicação/ síntese do conceito de globalização e sua relação com os direitos humanos na sociedade contemporânea.</li> </ul>		25 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Visualização de um documentário sobre os direitos humanos “O que são os direitos humanos?” <a href="http://www.youtube.com/watch?v=Ka9Y7QY2zTM">http://www.youtube.com/watch?v=Ka9Y7QY2zTM</a></li> </ul>		10 m
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura, análise e exploração do texto “Que significa a expressão «direitos humanos»?” de Leah Levin, Droit de l’Homme – Questions et Réponses.</li> <li>- <i>Feedback</i> dos alunos em relação aos conteúdos abordados ao longo da aula.</li> </ul>		20 m
				10 m

## Anexo 8

### GUIÃO DE VISITA

Tendo em conta a visita de estudo a realizar à **Galeria Gomes Alves**, em Guimarães, que acolhe a exposição da pintora **Adelaide Barbosa**, segue uma proposta de possíveis perguntas dirigidas à pintora e à galerista. No entanto, é importante salientar que cada um faça livre e espontaneamente as suas próprias perguntas, indo ao encontro dos seus interesses, dúvidas e motivações.

#### Para a PINTORA Adelaide Barbosa:

- Quando e como surgiu a pintura na sua vida?
- Quando pinta um quadro onde vai buscar a inspiração para o fazer?
- Pinta quando quer ou quando lhe surge a vontade de pintar?
- O que é para si a pintura?
- O que pretende com a sua pintura? Pinta para si ou pretende comunicar algo com as suas obras?
- A sua pintura insere-se em algum movimento artístico?
- Quando pinta busca algumas referências do mundo da pintura ou pinta sem pensar em referências?
- Esta exposição está subordinada a algum tema especial? Se sim, qual e porquê?
- Descobriu a pintura ou a pintura é que a descobriu a si?
- Tem como forma de expressão artística somente a pintura ou expressa-se sob outras formas artísticas?
- Tem um público específico, ou seja, um público que a segue atentamente?
- Mirian Tavares disse sobre a sua obra: “Os quadros de Adelaide Barbosa falam por si. Parecem, à partida, não querer dizer muita coisa. Parece, à partida, que se querem recolher num vasto silêncio. Mas falam.” Então o que falam?

**Para a GALERISTA Gomes Alves:**

- Ser galerista é de certo modo ser crítica de arte, pois ao escolher um determinado artista para expor está *a priori* a dar-lhe um determinado valor artístico. É verdade?
- Como galerista tenta dar a conhecer o que considera ser boa pintura, entre aspas, ou expõe o que pensa que melhor pode ser vendido?
- Que critério usa para expor um determinado artista e não outro?
- Ao longo da sua longa atividade como galerista o que tem a dizer sobre o consumo da arte. Aumentou? Diminuiu? Diferenciou-se?
- Como galerista o que leva as pessoas a comprar arte? Investimento? Decoração? Gosto pela arte?
- Quando seleciona alguém para expor, pensa no potencial que a venda das obras lhe pode proporcionar ou ignora completamente esse princípio.
- Arte e consumo andam de mãos dadas? São compatíveis?

Boa visita!

A professora estagiária: Filipa Silva

## ATIVIDADE SUBORDINADA À VISITA DA GALERIA GOMES ALVES

1. Depois de visualizar a exposição, atribua três adjetivos que caracterize a sensação que dela obteve? (Ex: calorosa, provocatória, distante..., etc.)

---

---

---

2. Ao visualizar as várias pinturas encontrou algum aspecto comum a elas todas, como por exemplo um tema, uma sensação, uma ideia, uma mensagem? Especifique, justificando?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

3. Tendo em conta o que a pintora disse ao longo da visita à Galeria Gomes Alves, refere o que é para ela a criação artística.

---

---

---

---

---

---

---

4. Tendo também em conta o que foi dito quer pela pintora quer pela galerista, existe ou não uma relação entre arte e consumo. Responda tendo em conta o testemunho da galerista e também do que pensa sobre esta questão.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

5. Dá uma opinião pessoal sobre a visita e sobre a obra que visionaste.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## Anexo 9



### Descrição do Processo

No âmbito do concurso escolar “A minha escola adota um museu, um palácio, um monumento...”, concurso promovido, conjuntamente, pela Direção-Geral da Educação (DGE), no âmbito do Programa de Educação Estética e Artística e pela Direção-Geral do Património Cultural (DGPC), apresentam-se os membros do grupo e respetivo trabalho:

#### 1) Grupo:

**Bárbara Correia, Frederico Silva, Gaspar Costa, João Martins**

#### 2) Trabalho dos alunos na categoria de Artes Visuais:

***Uma hipótese geométrica para a virgem do leite***, Escultura; conteúdo: desdobramento geométrico em três dimensões. Figuras: retângulos e triângulos. Figurações: simbolizantes. Estrutura em madeira com ráfia, pedra de xisto, um livro e um pacote de leite (medida em vazio: 0,75m X 0,92m X 0,30m)

---

Interpretação da obra *Virgem de Leite entre S. Bento e S. Jerónimo*; Pintura sobre madeira, autor desconhecido, 1510-1530, Igreja de S. Miguel do Castelo. Museu de Alberto Sampaio. (Em baixo, representação do original).



### 3) Descrição do processo:

#### 3.1. Investigação/fontes:

Ao nível da investigação, o grupo fez uma visita ao Museu de Alberto Sampaio para visualizar a obra e para obter mais informação sobre a mesma junto da responsável dos Serviços Educativos. Para a criação do trabalho, o grupo consultou diversa informação para a obtenção de personagens, segundo a sua interpretação da obra. Foi feita pesquisa na internet sobre a obra.

#### 3.2. Materiais:

Os materiais utilizados para a criação da obra foram: madeira, corda ráfia, pedra de xisto, livro e pacote de leite.

#### 3.3. Técnica:

O trabalho é uma estrutura em madeira 92 cm por 75 cm, trabalho elaborado com corda rafia, desenhando a estrutura básica do quadro, ficando assim a geometria básica da imagem. Em seguida, foram colocados elementos simbólicos como a pedra, o livro que São Jerónimo segura nas mãos, assim como a mitra que se encontram no canto esquerdo do quadro e o colar de pérolas da virgem com corda ráfia.



#### 3.4. Simbolismo:

A partir da pintura original, os alunos criaram uma estrutura em madeira, dando-lhe uma nova significação. Os dois santos presentes na pintura, bem como a virgem, aqui, nesta obra, são substituídos pelos seus elementos simbólicos: a pedra de São Cristóvão, com a qual ele batia no peito como forma de sacrifício para não cair em tentação, o livro que São Jerónimo segura nas mãos, assim como a mitra. Finalmente, ao centro da obra o colar de pérolas que propicia

uma leitura polissêmica: pode simbolizar a Virgem ou então a sua coroação, conforme aparece na obra original.

#### **4) Enquadramento dos conteúdos:**

Esta atividade foi proposta na disciplina de filosofia, 10.º ano, a uma turma do Curso de Artes Visuais. Pareceu-nos pertinente lançar este desafio, uma vez que ao nível da disciplina de filosofia os alunos encontravam-se a estudar a terceira unidade que diz respeito à “Dimensão estética”, onde são abordados conteúdos diretamente relacionados com este tipo de atividades. Sendo alunos de artes têm toda a apetência para as atividades propostas no regulamento, além de poderem por em prática as técnicas e conhecimentos aprendidos nas disciplinas dos seus cursos relacionados com arte. Além disso, é uma excelente oportunidade de criarem obras e estas poderem ser expostas e avaliados por um júri.

Ao nível dos conteúdos da disciplina de filosofia, foram vários os que foram trazidos para esta atividade. A sensibilidade estética foi sem dúvida um conteúdo que puderam trazer para este trabalho, ou seja, o estado afetivo de agrado e de prazer suscitado pela apropriação subjetiva da obra em questão, seja a sua criação ou a sua contemplação.

Outro tema ou conteúdo do programa de filosofia que se relaciona com esta atividade são as teorias sobre a natureza da obra de arte, como por exemplo a obra de arte como imitação, a obra de arte como expressão e a obra de arte como forma significativa. Com certeza que os alunos tiveram estas teorias presentes ao escolherem a obra e a criação de outra obra a partir da escolhida.

O tema da criação artística também esteve presente ao considerar conceitos como: a arte como revelação de novos “modos de ver” o sujeito e o mundo; arte como linguagem; a pluralidade de sentidos da obra de arte; a arte como criação. Ainda relativamente a este tema puderam recordar e aplicar conceitos essenciais dentro desta matéria como os conceitos de símbolo e polissemia.

Para concluir, esta atividade foi, na sua globalidade, de extrema pertinência quer para os alunos, quer para a professora, escola e museu adotado. Conjugaram-se conteúdos do programa de filosofia e das disciplinas de arte, de modo a que os alunos os pudessem pôr em prática com a realização deste criativo trabalho.

Guimarães e Escola Secundária Martins Sarmento, 17 de maio 2013.

A professora,

Filipa Catarina Silva





*diploma*

*memórias herança*

**Professores**  
 Filipa Catarina Silva

**Alunos**  
 Bárbara Correia  
 Ineditea Silva  
 Geospira Costa  
 João Ntahins

**Museu Municipal de Faro**  
 6 de Junho a 28 de Julho 2013

**Faro**

**Museu Municipal de Faro**

**Fernando Espalheira**  
 O Diretor-Geral da Educação  
 Fernando Egídio Reis

**GOVERNO DE PORTUGAL**  
 SECRETARIA DE ESTADO  
 DA CULTURA

**dgpc**  
 Direcção-Geral do Património Cultural

**ZON Kids**  
 mercenária exclusivo

**P-06**  
 apoio

**GOVERNO DE PORTUGAL**  
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
 E CIÊNCIA

**direção-geral  
 da educação**

## Cognitivismo estético

Esta teoria afirma que:

- A arte pode ser considerada uma forma de conhecimento, pois leva-nos a olhar e entender de uma maneira diferente a realidade;
- A arte dá-nos um entendimento mais profundo da natureza e da condição humanas.

No entanto, será que a arte proporciona um conhecimento igual àquele que, por exemplo, a ciência nos proporciona?

- A ciência formula teorias e identifica as leis e o funcionamento do mundo, descrevem e explicam factos;
- A arte dá-nos imagens que podem ajudar-nos a pensar e a clarificar a nossa experiência e entendimento humanos.

## Cognitivismo estético

**Assim:**

A Arte e Ciência são **modos diferentes** e complementares de aumentar o nosso **conhecimento** (ainda que o conhecimento proporcionado pelas obras de arte não seja teórico e descritivo, como o das teorias científicas).

**Definição:**

**Cognitivismo estético** é a tese segundo a qual a arte pode alargar o nosso conhecimento, por representar a diversidade da experiência e influenciar a maneira como olhamos o mundo.

## Arte como linguagem

A arte pode ser abordada como uma linguagem: ela traduz ou representa uma experiência, uma impressão, ou uma conceção através de um conjunto de sinais, signos ou símbolos, sejam sons, palavras, linhas, cores, volumes, movimentos...

O que é um **símbolo**?

Neste contexto, chamamos símbolo a um sinal ou elemento representativo que está em lugar de uma outra realidade, tendo poder de a evocar.

## A linguagem polissémica da Arte


Enquanto que linguagem científica ou filosófica é rigorosa (os termos são etiquetas aplicados a um único referente); ao contrário, na arte os símbolos podem remeter-nos para novos significados.

Por isso quem interpreta arte pode recriar vários significados, ou ter vários sentidos.

**Polissemia** é a característica dos signos (da arte) de terem múltiplos significados ou interpretações.

A partir da sua própria experiência e sensibilidade, o público constrói o significado da obra. Por isso, cada obra contém um potencial de significação que confere à arte vitalidade e atualidade, permitindo-nos admirar obras antigas, apesar das diferenças entre as conceções estéticas e cânones de beleza.

## Anexo 12



**Escola Secundária Martins Sarmiento**  
**Ano letivo 2012/2013**  
**Filosofia 10.º Ano - Turma AV1**  
**Ficha de Trabalho**

### Indústria cultural e cultura de massa

A modernidade terminou um processo que a Filosofia começara desde a Grécia: o desencantamento do mundo, isto é, a passagem do mito à razão, da magia à ciência e à lógica. Esse processo liberou as artes da função e finalidade religiosas, dando-lhes autonomia.

No entanto, a partir da segunda revolução industrial no século XIX e prosseguindo no que se denomina agora sociedade pós-industrial ou pós-moderna (iniciada nos anos 70 do século passado), as artes foram submetidas a uma nova servidão: as regras do mercado capitalista e a ideologia da indústria cultural, baseada na ideia e na prática do consumo de «produtos culturais» fabricados em série. As obras de arte são mercadorias, como tudo o que existe no capitalismo.

Perdida a aura, a arte não se democratizou, massificou-se para consumo rápido no mercado da moda e nos meios de comunicação de massa, transformando-se em propaganda e publicidade, sinal de *status* social, prestígio político e controle cultural.

Sob os efeitos da massificação da indústria e consumo culturais, as artes correm o risco de perder três de suas principais características:

1. de expressivas, tornarem-se reprodutivas e repetitivas;
2. de trabalho da criação, tornarem-se eventos para consumo;
3. de experimentação do novo, tornarem-se consagração do consagrado pela moda e pelo consumo.

A arte possui intrinsecamente valor de exposição ou exponibilidade, isto é, existe para ser contemplada e fruída. É essencialmente espectáculo, palavra que vem do latim e significa: dado à visibilidade. No entanto, sob o controle económico e ideológico das empresas de produção artística, a arte se transformou em seu oposto: é um evento para tornar invisível a realidade e o próprio trabalho criador das obras. É algo para ser consumido e não para ser conhecido, fruído e superado por novas obras. (...)

A democratização da cultura tem como pré-condição a ideia de que os bens culturais (no sentido restrito de obras de arte e de pensamento e não no sentido antropológico amplo, que apresentamos no estudo sobre a ideia de Cultura) são direito de todos e não privilégio de alguns. Democracia cultural significa direito de acesso e de fruição das obras culturais, direito à informação e à formação culturais, direito à produção cultural.

Ora, a indústria cultural acarreta o resultado oposto, ao massificar a Cultura. Por quê?

Em primeiro lugar, porque separa os bens culturais pelo seu suposto valor de mercado: há obras «caras» e «raras», destinadas aos privilegiados que podem pagar por elas, formando uma elite cultural; e há obras «baratas» e «comuns», destinadas à massa. Assim, em vez de garantir o mesmo direito de todos à totalidade da produção cultural, a indústria cultural introduz a divisão social entre elite "cult" e massa "inculta". O que é a massa? É um agregado sem forma, sem rosto, sem identidade e sem pleno direito à Cultura.

Em segundo lugar, porque cria a ilusão de que todos têm acesso aos mesmos bens culturais, cada um escolhendo livremente o que deseja, como o consumidor num supermercado. No entanto, basta darmos atenção aos horários dos programas de rádio e televisão ou ao que é vendido nas bancas de jornais e revistas para vermos que, através dos preços, as empresas de divulgação cultural já selecionaram de antemão o que cada grupo social pode e deve ouvir, ver ou ler.

Em terceiro lugar, porque inventa uma figura chamada «espectador médio», «ouvinte médio» e «leitor médio», aos quais são atribuídas certas capacidades mentais «médias», certos conhecimentos «médios» e certos gostos «médios», oferecendo-lhes produtos culturais «médios». Que significa isso?

A indústria cultural vende Cultura. Para vendê-la, deve seduzir e agradar o consumidor. Para seduzi-lo e agradá-lo, não pode chocá-lo, provocá-lo, fazê-lo pensar, fazê-lo ter informações novas que o perturbem, mas deve devolver-lhe, com nova aparência, o que ele já sabe, já viu, já fez. A «média» é o senso comum cristalizado que a indústria cultural devolve com cara de coisa nova.

Em quarto lugar, porque define a Cultura como lazer e entretenimento, diversão e distração, de modo que tudo o que nas obras de arte e de pensamento significa trabalho da sensibilidade, da imaginação, da inteligência, da reflexão e da crítica não tem interesse, não «vende». Massificar é, assim, banalizar a expressão artística e intelectual. Em lugar de difundir e divulgar a Cultura, despertando interesse por ela, a indústria cultural realiza a vulgarização das artes e dos conhecimentos.

Marilena Chaui, *Convite à Filosofia*

## EXPLORAÇÃO DO TEXTO

Depois de lido e analisado o texto responde às seguintes questões.

1. A partir de que momento histórico, as artes foram submetidas a “mercadorias”, tornando-se produtos de consumo cultural. Quais as três características que a arte pode perder devido a esse fato.

---

---

---

---

---

---

---

---

2. A democratização da arte e da cultura teve como pré-condição a ideia que os bens culturais são direito de todos os indivíduos. No entanto, a própria indústria cultural parece ser responsável pelo resultado oposto. Justifica segundo o texto.

---

---

---

---

---

---

---

---

## Anexo 13

	<p style="text-align: center;"><b>Escola Secundária Martins Sarmiento</b></p> <p style="text-align: center;"><b>Ano letivo 2012/2013</b></p> <p style="text-align: center;"><b>Filosofia 10.º Ano - Turma AV1</b></p> <p style="text-align: center;"><b>Teste de Avaliação – 3.º Período</b></p> <p><b>Nome:</b> _____ <b>N.º</b> _____</p> <p><b>Data:</b> ____/____/____ <b>Classificação:</b> _____ <b>A Professora:</b> _____</p>
---	---

### I Grupo

1. Tendo em conta as seguintes afirmações, escolhe das quatro opções apresentadas a correta. Escreva, na folha de respostas, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.
  - 1.1. Chamamos atitude estética:
    - a) A uma atitude que implica reflexão perante o objeto contemplado.
    - b) A uma atitude que olha os objetos tendo em conta a sua utilidade.
    - c) A uma atitude desinteressada, fixada apenas no sentimento de prazer proporcionado pela perceção do objeto.
    - d) A uma atitude que busca sinais ou símbolos de uma realidade que transcende a realidade mundana.
  - 1.2. A sensibilidade estética:
    - a) É a capacidade de racionalizar as formas presentes numa determinada obra de arte.
    - b) Acontece quando se gosta de uma determinada forma artística.
    - c) É algo inalcançável para o ser humano.
    - d) É a capacidade de perceber e apreciar as formas em termos de um sentimento de agrado ou desagrado.

2. Explica o que entendes por cognitivismo estético.

## II Grupo

1. Leia o seguinte texto.

### Texto 1

“Ora, se a questão é saber se algo é belo, então não se quer saber se a nós ou a qualquer outra pessoa importa, ou possa importar, algo da existência da coisa, mas antes como ajuizamos essa coisa na mera contemplação (intuição ou reflexão). [...] O que se quer saber é somente se a mera representação do objeto em mim é acompanhada de prazer, por indiferente que eu possa ser em relação à existência do objeto desta representação. É claro que se trata do que faço dessa representação em mim mesmo, e não daquilo em que dependo da existência do objeto, para dizer que ele é belo e para provar que tenho gosto. Todos temos de reconhecer que o juízo sobre a beleza ao qual se mistura o mínimo interesse é muito faccioso e não é um juízo de gosto puro. Não se tem de simpatizar minimamente com a existência da coisa, mas, pelo contrário, tem de se ser completamente indiferente a esse respeito para, em matéria de gosto, desempenhar o papel de juiz.”

Kant, *Crítica da Faculdade do Juízo*

- 1.1. Partindo do texto, explique como é que Kant concebe a experiência estética?
- 1.2. Explicita o que é para Kant o juízo estético?
- 1.3. Comenta a seguinte afirmação de Kant: “Apesar de ser bela esta obra não me agrada”.

## III Grupo

1. Observa a seguinte gravura

### Gravura 1



Van Gogh, *Na porta da eternidade*



- 1.1. Segundo o objetivismo estético, a afirmação “Gosto deste quadro de Van Gogh, independentemente das suas características”, pode constituir um juízo de gosto? Justifica a expressão. Em seguida, exponha o que é o objetivismo estético.
  
- 1.2. Tendo em conta as três teorias acerca da natureza da obra de arte, em qual podemos integrar a gravura 1. Justifique, caracterizando essa teoria.

#### **Grupo IV**

1. Leia o seguinte texto.

Texto 2

“O valor de uso de uma obra é a sua beleza, que se mede pelo prazer, ou pelo gozo (...) que ela provoca. Agora esta beleza é apreciada mais em função do preço do que do prazer; não basta dizer, como os clientes da estética industrial, que o belo se vende bem, é preciso dizer que o que é caro é belo. Assim, se o valor da troca influencia o valor de uso, é porque o valor de uso foi alterado pelo sistema de troca: ele foi reduzido à posse.”

M. Dufrenne, *Art et Politique*

- 1.1. Comente o seguinte texto, tendo em conta o tema: arte e consumo.

#### **Cotação:**

Grupo I

1.1. – 10 pontos

1.2. – 10 pontos

2. – 15 pontos

Grupo II

1. – 25 pontos

1.1. – 25 pontos

1.2. – 25 pontos

Grupo III

1. – 20 pontos

2. – 30 pontos

Grupo IV

40 pontos